

			João Barreiros	
			A	L
	I		M	
E	N		T	
O	P		T	
A	Um Gosto a Céu no Lago do Breu			

			A	L
	I		M	
E	N		T	
O	P		I	
A				

Um Gosto a Céu no Lago do Breu

João Barreiros

Série Alimentopia

Título: Um Gosto a Céu no Lago do Breu

Autor: João Barreiros

Coordenação Série Alimentopia: Fátima Vieira

Coleção Transversal – Série Alimentopia, n.º 10

1.ª Edição, Porto, novembro 2019

© U.Porto Press

Universidade do Porto

Praça Gomes Teixeira

4099-002 Porto

<http://up.pt/press>

Design: Miguel Praça

Impressão e acabamentos: Cultureprint CRL

ISBN: 978-989-746-237-5

eISBN: 978-989-746-238-2

Depósito Legal: -----

As sociedades evoluem no sentido das perguntas que formulam. O projeto *ALIMENTOPIA* partiu da formulação de um conjunto de perguntas que convidam a uma abordagem crítica das sociedades, bem como da imaginação da forma como poderão evoluir, a partir do ponto de vista da alimentação. A Série *ALIMENTOPIA*, publicada pela U.Porto Press no âmbito da Coleção Transversal, propõe-se, nesse sentido, contribuir para a criação de uma história da literatura e da cultura focada na forma como as sociedades produzem, distribuem e preparam os seus alimentos, orientando a análise crítica pela consideração de indicadores de inclusão, desenvolvimento e sustentabilidade, aos mais variados níveis.

O Projeto Alimentopia / *Utopia, Alimentação e Futuro: o Modo de Pensar Utópico e a Construção de Sociedades Inclusivas - Um Contributo das Humanidades*, financiado por Fundos Nacionais através da FCT - Fundação para a Ciência e a Tecnologia e por Fundos FEDER através do Programa Operacional Fatores de Competitividade - COMPETE 2020 (PTDC/CPC-ELT/5676/2014 | POCI-01-0145-FEDER-016680), congregou 27 investigadores de diferentes áreas do conhecimento (Literatura, Cultura, Filosofia, Antropologia, Linguística, Ciências da Nutrição e Psiquiatria) num trabalho multidisciplinar que provou a pertinência da intersecção da área dos Estudos sobre a Utopia com a área dos Estudos sobre a Alimentação.

Um gosto a cosmos

O horror!

Oh, o deleite...

Híbridos dos imensos jogos e equilíbrios que este binómio espicaça vêm com frequência à obra de João Barreiros. Compreensível num autor de várias irreverências e muito à custa delas considerado o enfant terrible da ficção científica portuguesa. Aliás de todo o fantástico com os seus diversos meandros e subgéneros.

Aparece-lhe um certo gáudio quando ataranta audiências, seja ao relatar os estratagemas macabros de determinadas obras, se avança afirmações mais ebulientes, ou perante terceiras ou quartas razões. E todavia o entusiasmo verte-se-lhe sempre para o público. Há uma afeição tão evidente quanto contagiante por literatura, banda desenhada, cinema. Ninguém fica sem sugestões de leitura. Ou de filmes ou séries. Partilha-as com todo o voluntarismo em painéis pensados para o efeito, como resposta a pedidos, às vezes apenas porque a oportunidade surge.

Escritor, editor, e tradutor, também professor de Filosofia aposentado, Barreiros participa há décadas com afinco e relevo tanto na divulgação como na produção de obras de ficção científica em território nacional. O gosto por universos menos ou mais distintos da realidade, em especial os algo tendentes ao futuro e à ciência, despontou-lhe logo nas primeiras leituras. Foi aumentando, dilatou-se, somou obras.

Trouxe-lhe um conhecimento amplo do que se tem criado nestas áreas, dos clássicos às novidades dos últimos meses atravessando ainda passados quer vetustos quer pelo contrário quase atuais.

Semelhante familiaridade com os anais do género – com os seus motivos, imagéticas, tecnologias – transfere-se-lhe para os textos. Um palimpsesto de referências onde se vão acrescentando mitologias e conceitos filosóficos. Idem para umas quantas divindades imponentes.

Notam-se fascínios. Mas os eventuais apreços do autor não garantem boa reputação a aspeto algum. De facto a maioria dos elementos mais acarinhados e bem cotados na tradição da ficção científica, do horror, da fantasia, tendem a acabar como fonte ou cenário de opressões. Figuras e componentes icónicos ficam revirados, postos em encarnações reconhecíveis contudo quase antagónicas ao original; transmutam-se, servindo a trama enquanto promovem reavaliáveis de expectativas. Barreiros nutre uma especial apetência para descortinar o potencial sarcasticamente distópico dos sonhos humanos e levá-los a estrondosas implosões. Por qualquer método necessário e com o à-vontade de quem não padece de reverências petrificadoras. Não se escapa ileso destas narrativas. Mesmo se de algum modo se conseguiu chegar ao final sem aniquilações pessoais.

Nesse sentido e em variegados outros, *Um Gosto a Céu no Lago* do Breu conjuga uma dose generosa dos temas e características de Barreiros. Embora não se integre na ficção científica, pelo menos nada o explicita (há que exercer prudência no descartar de hipóteses, afinal as simulações podem esconder-se com inaudita eficácia), o texto prova-se ainda assim um caso paradigmático da bibliografia do autor. Os leitores habituais reconhecer-lhe-ão os traços, tendo no entanto surpresas e delícias bem suficientes para saírem enlevados. E quem se aventura primeiro por aqui encontra uma introdução titilante aos cosmos de Barreiros.

Convém guardar os detalhes do enredo.

Bastam poucas linhas para Barreiros erigir mundos completos, congruentes nas suas lógicas, e a presente história propulSIONA-se depressa,

cada capítulo comportando uma ou múltiplas descobertas. Ademais humor e socos surtem efeitos maiores quando recebidos sem preparação.

Portanto apenas dois ou três desvendares ligeiros. Para fornecer alguma contextualização e espreitar apetites.

As questões da proveniência e fabrico de comida – matéria central do Projeto ALIMENTOPIA / Utopian Foodways no âmbito do qual esta ficção nasceu –, assomam por vias talvez inesperadas. O foco não se detém no debate do vegetarianismo, ou até veganismo, face à nossa natural dieta omnívora. Nem na chamada agricultura biológica em contraste com a que se nos generalizou ou mesmo com a hipótese de gerar alimentos em laboratório. E porém retratam-se as ambivalências dos processos de obtenção de substrato e faz-se um manifesto aos possíveis prazeres e ascos envolvidos numa refeição.

Ao mesmo tempo, e com o ALIMENTOPIA parcialmente sediado no CETAPS – Centre for English, Translation, and Anglo-Portuguese Studies, alicerça-se a intriga em dois tópicos de fortes ligações à literatura inglesa. Com efeito, um deles acaba trabalhado de tal modo que se pode associá-lo a um dos mais afamados romances norte-americanos. E a ideia de Sublime, tão grata aos românticos, acopla-se às dicotomias alimentares. Por outro lado congeminam-se engenhos tecnológicos e maravilhas da zoologia, imagens portentosas, capazes de cativar quem inclina as preferências mais para a mecânica ou as ciências naturais.

Sem dúvida repastos para muitas fomes.

Agora, ao mergulho.

Inês Botelho

Vila Nova de Gaia, Outubro de 2019

*Poderias pescar o Leviatã com
linha e anzol?
Ou atar-lhe a língua com uma corda?
Serias capaz de o prender
com uma corda no nariz,
Ou furar-lhe as queixadas com
uma escápula?
Porventura iria ele pedir-te que
desistisses das tuas intenções
E tentar brandamente fazer-te
mudar de ideias?
Aceitaria alguma vez que fizesses
dele teu escravo para toda a vida?*

1.

Em primeiro lugar, Eduardo Sousa está de pé frente a uma audiência indiferente de alunos, a esforçar-se por conseguir obter qualquer tipo de resposta, seja ela uma boca aberta em sinal de espanto, um ligeiro roçar de nádegas contra o polimento das carteiras, um não ciciado, um baixar de olhos, um vago sorriso de apoio, mas nada disso acontece, a turma está morta por dentro, aliás sempre esteve, completamente afastada de tudo o que se possa dizer-lhe, querem lá eles saber de filosofia, de princípios éticos, ou seja do que for. Por baixo das carteiras há decerto dedinhos a teclar onde não devem, em busca de uma nova mensagem diretamente transmitida aos auriculares invisíveis do lugar onde Eduardo se encontra. As palavras do professor não passam de ruído branco e nada mais. Mas Eduardo insiste, quanto mais não seja para preencher vazios, explica-lhes que a culpa de todas as desgraças que assombram o mundo vai morrer solteira, porque não existem recompensas para os bem pensantes ou castigos para quem cometeu crimes contra a humanidade, que um simples ato de bondade ou um crime hediondo, quiçá um genocídio, vão ser esquecidos no longo labor do tempo, porque na morte não há recompensas ou punições. A morte é um ponto final sem parágrafo. Tudo termina no silêncio. A morte é um vazio absoluto, insiste Eduardo, um lugar onde o Bem e o Mal deixaram de ter sentido. E, dito isto, faz uma pausa plena de significado, espera que lhe perguntem como assim?, mas o silêncio permanece e assim sendo, o professor insiste: es-

cutem, o vosso pensamento não é mais do que um fluxo bioquímico, um correr de eletricidade nos vossos neurónios, a consciência do “eu” é transitória, e quando esses neurónios morrerem, por traumatismo ou falta de oxigénio, o Universo termina de uma vez por todas. Por isso, não esperem receber recompensas póstumas por todo o bem que fizeram em vida. Não esperem ser atormentados por uma culpa eterna resultante dos pecados cometidos. Quando se der o clique final, a vossa identidade vai desvanecer-se como o fumo. Cinco minutos, não mais do que isso até o modelo holográfico do vosso cérebro se cristalizar. Não vai haver luz ao fundo do túnel nem a presença de entes queridos a receber a vossa passagem para o Outro Lado. O Nada será absoluto, tal qual o Nada onde vocês já existiam antes de nascerem. Acreditem naquilo que vos digo, meus meninos, Não vão reencarnar, visitar esse imponderável Mundo Inteligível, não vão poder atormentar mais professores como eu numa outra vida. Os mais fofinhos de entre vós não vão poder repousar nas pradarias celestes sob o brilho do Empíreo. Perceberam? Depois da vida, só há morte. A religião é uma fraude. Uma patética tentativa dos Estados para controlar o comportamento dos seus cidadãos. Até hoje, na história da humanidade, ninguém regressou depois de morto, ninguém conseguiu comunicar com os que já não vivem. Quem afirma que o conseguiu fazer, está decerto a mentir. Entenderam? A partir deste momento, a responsabilidade dos vossos atos será apenas vossa. Ninguém vai poder julgar-vos a não ser as vossas consciências.

Eduardo respira fundo, engole em seco, está mais que farto deste combate onde nunca será o vencedor; percorre com os olhos as fileiras de alunos, dá-se conta que nenhum deles está a tomar notas, que ninguém ali quer fazer perguntas, contestar o que ele disse, se é que perceberam tudo o que esteve a defender desde o início da aula. Pior ainda, há quem olhe ostensivamente para o relógio a ver quando é que isto acaba, e o professor assolado por uma vaga sensação de empatia, faz figas para que o tempo corra mais depressa e esta lição inútil termine. Infelizmente os momentos alongam-se, pelo canto do olho Eduardo nota qualquer coisa a tomar consistência mesmo ao seu lado, no cimo do estrado, algo

semelhante a uma nuvem de pó de carvão vagamente humanóide, uma presença que não devia estar ali, mas que não deve passar de uma mera alucinação resultante do cansaço, da falta de café e de açúcar. Eduardo não quer saber. Ignora um farfalhar nos ouvidos, uma vaga vertigem, uma brisa que cheira a qualquer coisa de fétido, como se dois ou três alunos estivessem a soltar ares para gozo de todos. De qualquer modo parecem não ter notado nada de estranho e a verdade consensual deve ser esta: nada está a acontecer. Absolutamente nada.

Mas a forma, a sombra, o fedor, aproximam-se mais e mais até quase uma mão lhe pousar no ombro esquerdo. A outra mão que mais parece um punho cerrado a pingar cinza, ergue-se até quase lhe tocar na boca.

Eduardo ignora-a. Tem mesmo de a ignorar, não há outra solução. Devemos virar as costas às coisas improváveis. Entretanto, procura uma firmeza na voz que já se faz rouca.

E diz a quem o queira ouvir:

Escutem. A vida eterna não existe. O Inferno não existe. Mais do que tudo, o Céu não existe. Se há mal ou bem, eles estão apenas dentro de vós.

A sombra cinéria suspira, provavelmente de tristeza. Eduardo sente uma forte palmada nas costas. E a mão direita da criatura que não deveria estar ali, desabrocha como uma flor gotejante de fel. Na palma assim exposta há um pingente amarelo vivo e listrado de negro a zunir.

Eduardo franze os olhos perante a presença de uma vespa.

Dez minutos depois da picada está morto devido ao choque anafilático.

Passada uma eternidade acorda no Inferno como castigo por ter negado a existência do Céu.

2.

Para que conste, Eduardo está de pé, enregelado, pés nus assentes no convés do Barbatos, enquanto lá em cima o vento sopra em torno dos três mastros do gigantesco navio pesqueiro. Trata-se de uma ventania raivosa, insistente, que parece nunca mais ter fim. As velas, fabricadas com qualquer tecido próximo da pele humana, incham como se quisessem romper-se, o cordame range, o estômago de Eduardo contrai-se com a velha náusea matutina que sempre o fez sofrer desde que acordou aqui, deitado numa tarimba, bem aninhado porão, no lugar onde se materializam todos os recém-chegados. E enquanto tiritia e se esforça por não vomitar a papa de vermes semivivos que o obrigaram a engolir ao pequeno almoço, deglute um refluxo ácido a bÍlis, olha de esguelha para os seus companheiros dispostos em três fileiras paralelas e confirma, sem grande espanto, que alguns são magros como esqueletos, outros gordos como pipas, outros ligeiramente torcidos para a frente como se tivessem de carregar às costas todo o peso do mundo. Impossível determinar que idade têm, mas parecem-lhe novos, imberbes, um tanto ou quanto imbecis, regenerados por uma qualquer força demoníaca que lhes negou a senescência. E assim vão continuar para sempre, até que morram mais uma vez num qualquer acidente ridículo e brutal. Além disso, na tripulação do Barbatos, não se vislumbra uma única mulher. Talvez elas existam algures, num lugar onde não há homens. Aqui, em plena anomia, ninguém deseja o corpo de ninguém, pois a visão de In-

ferno que paira sobre o Lago do Breu parece ignorar o amor e o sexo, vá-se lá saber porquê. Entretanto, o tempo vai passando e, enquanto passa, Eduardo nota que nenhum deles desvia os olhos da porta da cabine do castelo da proa. Todos os marujos, Eduardo inclusive, estão vestidos com calças brancas, camisas listradas de negro e branco e ridículo boné azul a cobrir os crânios disformes. Quanto ao professor, que nunca mais se conseguiu ver ao espelho, desconhece qual é o seu aspeto, mas também não lhe apetece perguntar. Neste lugar a linguagem é universal, como se a tivessem aprendido à nascença, perfeita, completa e disponível. Não se trata de uma linguagem humana como aquelas que Eduardo ouviu falar em vida. É antes algo estranho, convoluto, pré-babilónico mas compreensível aos ouvidos de todos. Desde que Eduardo acordou, há dias e dias, tudo permanece incompreensível. Insiste consigo mesmo, que se perdeu numa alucinação de pré morte, ou que os programas gnósticos da Singularidade do Fim dos Tempos entraram em falha sistémica. Acorda, pede ele a si mesmo, acorda de uma vez por todas. Não podes estar morto. Isto não é o Inferno.

E, contudo, para o contrariar, o convés estremece ao sabor das turbinas, o vento continua a soprar numa obstinação quase neurótica, o Lago do Breu estende-se a perder de vista, muito para lá das falésias de basalto que se erguem a estibordo, negras, vítreas, implacáveis, sempre a subir e a subir nesta paisagem absurda semelhante ao interior de um funil invertido. O estrondo da catarata por onde se esvazia o Estige, há muito que foi substituído por outros sons, pelo vento, pelos ruídos gástricos do Barbatos, pelo marulhar denso deste lago ou oceano, negro de azeviche e com a consistência de pés.

E enquanto esperam, o mar em volta marulha, vagas imensas erguem-se numa lentidão cinemática, negras, opacas e sólidas como o betume, bolhas de gás explodem à superfície, o Barbatos estremece, sobe, sobe, numa rampa que se prolonga rumo ao céu, para logo voltar a descer num mergulho quase vertical, só que o convés, para quem o frequenta, continua horizontal como se estivesse sujeito a um outro tipo de gravidade.

Eduardo, para desviar a atenção desta tempestade viscosa que parece assolar o Lago do Breu, vira-se para a direita e pergunta a uma das criaturas o que diabo estão ali a fazer, por quem esperam e se a espera ainda vai durar muito, porque o enjoo não perdoa, e o pequeno almoço está prestes a partir borda fora.

O humanóide, vestido a preceito, com a camisa listrada dos marinheiros, rasga uma boca ressequida onde não se veem os dentes:

Esperamos pelo Mestre. Esperamos com toda a paciência e respeito, dure o tempo que durar. Não olhes para mim, novato. Olha em frente.

Eduardo encolhe os ombros. Recebeu a resposta óbvia de todas as burocracias, inclusive a Infernal. Para quê ralar-se perante o inevitável? De qualquer modo a ventania abafa qualquer tipo de conversa mais coerente. À sua volta Barbatos estala, geme, estremece, chia, palpita. A madeira do convés cola-se-lhe aos pés num beijo viscoso. É como se estivesse a pisar uma mistela apodrecida de madeira, cinza e alcatrão. Aquilo que em tempos foi verniz, agora não passa de um lacre negro em vias de fusão. Incomodado, o professor ergue um pé, depois o outro e o betume estica-se até se rasgar num beijo mole. Parte dele fica agarrado ao pé. O resto pinga, pinga devagar, até voltar a dissolver-se sobre o pavimento.

Enquanto isso, lá fora, para lá das chumaceiras compostos pelas catapultas e maquinarias incompreensíveis feitas de molas, elásticos e engrenagens de ferro ferrugento, Eduardo pode ver três braços laterais, a bombordo e a estibordo, com cerca de dez metros de extensão que seguram não seis âncoras, mas aquilo que parecem ser ganchos, ganchos monumentais, aquecidos ao rubro por um qualquer sistema termo-condutor, ganchos que num universo mais discreto poderiam ser parecidos com anzóis. Todos eles estão levantados, preparados para enfrentar um inominável desafio, como garras na extremidade de um dedo feito de fulgurito. E, logo abaixo, (como poderia ser de outro modo?), eis os inevitáveis tambores rotativos onde se enrola um número interminável de correntes cujos elos parecem mais grossos do que dois braços humanos dispostos lado a lado.

Tudo isto é, ao mesmo tempo, excessivo e de uma vulgar banalidade. Eduardo, o incrédulo, continua à espera, de pé, prisioneiro de um uni-

verso a quem sempre recusou a existência. Lá no alto, a única luz que banha a negra extensão do Lago do Breu, permanece como um desafio, como se quisesse chamar todos os presentes a uma ascese impossível.

Querias lá chegar?, murmura-lhe aos ouvidos o companheiro da direita, mais coloquial. Nenhum de nós vai alguma vez poder subir aos céus, companheiro. No fundo do Abismo, a gravidade é absoluta. Subir para quê? Pensas que lá em cima as coisas são belas, daquele tipo de beleza que magoa? Enganas-te. Ao céu ninguém chega. Mas lá do alto há sempre coisas que tombam...

— Como assim? - pergunta Eduardo para preencher os silêncios.

No Céu a guerra é permanente e o Trono resiste... E as hostes angelicais...

Caluda, idiotas!, rosna o companheiro da esquerda. Fechem a porta. O Mestre vem aí! A porta está a abrir-se.

A porta dupla, debruada a metal esculpido, rasga-se de par em par e por ela emerge Ninurta acompanhado por um séquito patibular de conselheiros, catamitas e soldados às ordens. As roupagens do Mestre são uma mancha de cores vivas neste mundo monocromático. Ninurta exagera no traje, veste-se de folhos, laços, coletes bordados, botinas espolhadas, às costas carrega um espigão de osso branco, retorcido como um dente de narval, os cabelos loiros e encaracolados escorrem-lhe sobre os ombros num doce ondular de serpentes, um chapéu de veludo cobre-lhe a quase totalidade do crânio, mas, mesmo assim, ainda se lhe podem ver os olhos a espreitar por baixo das abas do chapéu, e esses olhos brilham, exatamente com a mesma aura de radiação que parece cobrir-lhe todo o corpo. Ninurta é belo, de uma beleza quase de estatuária, bem que poderia ser o objeto de desejo tanto de homens como de mulheres, se não fosse a boca rasgada, e duas fieiras de dentes a espreitar como os que existem nas mandíbulas de um tubarão. Ninurta sorri. Desde que passou a porta ainda não deixou de sorrir. Devagar, ergue o dedo indicador da mão esquerda e a tripulação dos marujos aplaude, entusiástica.

Eduardo recua um passo, leva um soco nas costas do marinheiro da fila anterior, morde os lábios, volta a avançar e, já agora, dado que todos o estão a fazer e ele não quer ficar de fora, aplaude também a presença

do Mestre que a todos comanda. Se queria fazer-se invisível, misturado na massa anónima, infelizmente já deixou de o ser. Ninurta franze o sobrolho, escancara ainda mais a boca e aponta na sua direção:

— Tu, ó recruta, com um nome imbecil e quase impronunciável, avança e apresenta-te.

Eduardo sente no corpo aquilo que há muito não sentia. Ser chamado ao estrado. Tornar-se visível e alvo do escárnio por parte de quem manda. Durante alguns segundos deixa-se ficar quieto, a tremer, mas há quem o empurre por detrás e o professor avança, sem outro remédio, com receio de cair.

Ninurta aproxima-se a bambolear as ancas, como se quisesse seduzir quem por ele passa, os oficiais deixam-se ficar onde estão, com as armaduras que envergam a estridular nas articulações como grilos sob o calor estival. Tudo isto seria risível se Eduardo estivesse a ler um livro ou a ver um filme. Infelizmente encontra-se preso numa realidade que sempre quis recusar.

Ninurta aproxima-se num vagar pausado, como se tivesse prazer neste tipo de tortura, até quase colar o rosto demasiado belo contra o rosto consumido de Eduardo. O Mestre cheira a perfume, um odor nauseante de flores mortas e óleos corporais. O estômago do professor contrai-se à beira do vômito. Mas não pode. Claro que não pode.

— Bem-vindo ao Barbatos. Bem-vindo ao Abismo. Sabes porque é que estás aqui, sabes porque é que foste punido?

Eduardo abana a cabeça. Que mais pode ele fazer?

Ninurta morde os lábios finos, com os dentes enormes que picam a fundo. Uma gotinha de sangue escorre-lhe pelo canto da boca. As duas mãos espreitam dos folhos dos punhos, estendem-se na direção do rosto de Eduardo, acariciam-lhe o rosto com a potência de tenazes. As unhas são compridas, ligeiramente curvas, pintadas com um verniz azul que se destina a recordar a perfeição de um céu que nunca viram.

— Será que tenho de explicar tudo? Ainda por cima a um professor? Ai, amigo Eduardo, meu novo amor, estás aqui porque negaste o Céu. Estás aqui, como castigo por não acreditares em NÓS. E, enquanto aqui

estiveres, és MEU e vais obedecer-me em tudo. Na PESCA. Na PENE-TRAÇÃO. No mergulho iniciático no Lago do Breu. Estás aqui para que eu possa provar-te que o SUBLIME existe.

— Nada disto é verdadeiro, — murmura Eduardo baixinho, atordoado pela presença redolente do Mestre. — não passa de uma simulação... Estamos presos num sonho lúcido...

— Uma simulação? — espanta-se Ninurta. — Pois fica sabendo que nada aqui é simulado. Será que ainda duvidas? Não sentes a dolorosa carícia das minhas mãos? Infeliz cético... Sabes que mais? Está decidido, vais mergulhar no corpo do OUTRO na próxima pescaria, e arrancar-lhe ao labirinto das vísceras os desejos dos nossos corações. Vais ser o primeiro iniciante a passear-se no coração da Besta. — E agora numa voz mais alta, declamatória, como se quisesse ser ouvido pela tripulação inteira. — Correto, amigos recrutas, companheiros da Agonia? Temos entre nós um vivaço. Vamos mostrar-lhe a que sabe o CÉU.

A tripulação aplaude. Em urros, assobios e bater de palmas. Bem-vindo, Eduardo, bem vindo ao horror. Os companheiros de Ninurta, ostentando as suas armaduras, batem com as botas no convés, num som pegajoso e abafado. Eduardo, sem compreender nada do que se está a passar, procura recuar, mas o Mestre abraça-o, agarra-lhe a cabeça com ambas as mãos, finca-lhe as unhas na nuca e beija-o na boca num beijo que dói, que arde, que rasga, que sangra, um daqueles beijos onde se misturam fluidos, odores, sabores, memórias. A língua de Ninurta, enfiada na garganta de Eduardo, em sinuosa endoscopia, parece não ter fim. As duas fieiras de dentes maceram-lhe os lábios, mas a verdade é que se quisesse recuar, desviar a cabeça, ainda ia ser pior. Por isso mesmo, Eduardo submete-se, de braços caídos, a estremecer sob o amplexo interminável. Entretanto, os cabelos do Mestre envolvem-no numa aura de seda e fricção. As unhas traçam-lhe vergões dolorosos na nuca. É como se estivesse a morrer de novo, picado por mil vespas.

E contudo, e contudo...

Há na saliva e no sangue infetado do Mestre qualquer coisa que parece renegar o sofrimento. Uma vaga sensação de prazer. Um respingo de êxtase. Quase como se fosse um antegosto de...

Mas nem no Inferno as coisas duram para sempre. Ninurta afasta-se do corpo trémulo de Eduardo; dois marujos seguram-no pelos braços para que ele não se estatele no convés. Ninurta afasta-se, de braços abertos e cabelos desgrenhados, dá uma volta sobre si mesmo para contemplar toda a superfície do Barbatos, os mecanismos, os ganchos anzóis, as velas trémulas e, lá fora, as alterosas vagas do Lago do Breu.

— Ah, companheiros, fieis amigos, em verdade vos digo que, com esta receção, com este beijo, que me soube a pouco, está iniciada a pescaria. A BESTA encontra-se muito próxima, relutante em ascender. Vamos chamá-la, sim?

A tripulação perde o tino em clamores e ovações. Ninurta rodopia com um pé erguido e o outro assente no muco que cobre o convés, as cores do uniforme mesclam-se em qualquer coisa parecida com uma brancura fulgurante, e só então se imobiliza, ao fim de alguns segundos, com o dedo apontado na direção dos marinheiros e de dois dos soldados:

— Tu, ó impronunciável Eduardo, tu Brazacon e tu Udolfo, desçam aos porões e tragam à superfície a inefável criatura que canta de dor e de saudade. Tragam-na em cadeias para que não se mate. Tragam-na até aqui para que cante e chore e que a Besta a oiça. E vós, marujada, preparem-se para a PESCA. Soou a hora, soou a hora.

Dito isto, Ninurta vira as costas a todos, abandona o convés, e desvanece-se pela porta do castelo da proa, logo seguido pelo estalejar das armaduras do séquito de soldados, conselheiros e catamitas.

Sozinho, no meio da tripulação que começou a despertar deste momento único, completamente devastado pelo beijo com os lábios e a garganta mutilada, Eduardo chora de dor e, quem sabe, de um pouco de prazer, uma sensação tão inefável como o prenúncio de uma brisa primaveril.

3.

Brazacon e Udolfo puxam pelos cotovelos de um triste professor trémulo de desejo e angst. Puxam de ambos os lados como se os braços dele fossem as asas de uma galinha próxima da degola. Vem connosco, dizem-lhe aos ouvidos, temos de ir ao porão mas, antes disso queremos mostrar-te uma coisa...

Eduardo, o Incrédulo, acena que sim, resignado a tudo. O resto da tripulação desfaz as fileiras, dispersa-se pelo convés rumo às maquinarias impossíveis, diligentes como formigas. Apenas dois dos soldados, com as escamas das armaduras a crepitar, ficaram para trás, preparados para acompanhar o trio, seja lá para onde for. Eduardo não consegue perceber o que está do outro lado de tantas escamas, placas espelhadas e espigões. Se é que existe lá dentro um corpo ou apenas um vazio feito de negrume. Para dizer a verdade, não quer saber. Há momentos onde o absurdo já cansa.

Vem, diz Brazacon, vamos para a festa.

Prepara-te para veres um pouco daquilo que negaste, completa Udolfo.

Eduardo segue atrás deles pela escadaria da ré. Desce dois níveis ao ar livre, quase à beira do oceano e, depois, enfia-se por uma rampa circular que decerto conduz ao primeiro dos porões. Cravados na rampa que se torce em espiral, podem ver-se marcas ferrugentas de carris e pequenos chumaços de penugem. Os seus companheiros dizem-lhe para ter cuidado, para não escorregar no visco ou tropeçar

nos carris. Nada de pressas. Há tempo para tudo. O horror tem de ser sofrido devagarinho.

Eduardo desce, ladeado pelos seus companheiros de infortúnio. Os soldados chegam logo atrás, ao som do incessante ruído metálico das suas armaduras. As botas ferradas chispam contra os carris. Embora as paredes sejam da cor do carvão, a rampa está iluminada por pálidos luzeiros dispostos no teto abobado, uns mais brilhantes do que os outros, a intervalos irregulares, como se estivessem todos a apagar-se. Barbatos parece ter a idade do mundo, prestes a desfazer-se em pedaços, sempre à beira do naufrágio, mas, mesmo assim, inteiro e funcional, preso numa eternidade que se prolonga sem fim.

E ei-los no primeiro nível. Outros existem, ainda mais abaixo.

Brazacon dá uma palmadinha no ombro de Eduardo e sorri para Udolfo, num esgar cúmplice. Espera um pouco. Temos que te mostrar uma coisa. Lembras-te como vieste aqui ter?

O Professor encolhe os ombros num esforço para se desviar. O toque de Brazacon assemelha-se ao dedilhar de ossos descarnados, ao passo que o de Udolfo se parece mais com a carícia de um tentáculo mole. E, contudo, ambos são humanos. Ou perto disso.

— Não,— responde o Professor. — Acordei na camarata. Não me lembro de mais nada...

Brazacon solta uma gargalhada e Udolfo um risinho mau. Primeira porta à direita, dizem-lhe. Vem daí. Uma pequena pausa na tarefa que nos foi designada. Para aprenderes, correto? Uma pausa pedagógica, eheh...

Os soldados protestam perante esta demora não programada, raspam as botas na madeira petrificada do soalho, emitem estalidos de aviso, mas os dois marujos ignoram-nos em absoluto. Estão mais interessados em dar uma lição de vida a Eduardo. Ou de morte, para o caso, tanto faz.

A porta lateral vai dar a uma sala coberta de tanques semelhantes a aquários, todos eles vazios e cobertos de verdete, com exceção de dois, mais lá ao fundo, numa zona mal iluminada do recinto. Um veio por onde escorre um líquido leitoso acompanha todo o corredor até atingir uma grelha que faz de vazadouro, logo à entrada da sala. Aqui, neste

lugar recatado, desapareceram os sons do vento, o ranger dos cordames, o ronco do oceano. Esses sons foram substituídos por outros, tão ou mais sinistros: lá em baixo, a três ou quatro níveis de profundidade, o demónio do movimento chupa as águas do Lago do Breu, aquece-as ao rubro, as águas consentem em transformar-se em vapor, e esse vapor vai alimentar as turbinas, as tubagens dos reatores, ajudar a comprimir as molas dos ganchos, dispersos pelas amuradas. O demónio, prisioneiro numa tarefa de mera serventia, rosna, furioso, ameaça libertar-se e incendiar o Barbatos de uma ponta à outra. Ameaça inútil, pois Ninurta é, na complexa hierarquia dos Infernos, um Duque poderoso a quem todos os elementares sem exceção devem obedecer. Por isso, à falta de melhor, o demónio limita-se a silvar, naquele tipo de sons que fazem os paus de giz a raspar num quadro negro. Para que conste, aparte os protestos inúteis do demónio do movimento, existem outros tipos de sons que pertencem em exclusividade a esta sala: Um ruído rouco e asmático de quem arfa, ansioso por um bafo de oxigénio. Lá ao fundo, para lá das paredes da sala, existe certamente um fole gigante a chupar, a chupar dos Limbos qualquer coisa de relutante e inefável. Sem esquecer os gluglus de um líquido que fervilha, entusiástico.

Eduardo fincou os pés logo à entrada, assediado por uma memória que o incomoda, mas os seus companheiros estalam os dentes, agarram-no por ambos os braços, abanam as cabeças e apontam, lá ao fundo, lá ao fundo, os últimos tanques do Vivarium.

Passo após passo, um passo em frente, com cautela, não vá ele chapinhar no líquido leitoso do veio central que ainda não deixou de correr. A sala fede a qualquer coisa de orgânico, a corpos requentados, ao vómito azedo de uma refeição mal digerida. Recuar? Impossível com estes dois idiotas a querer puxá-lo até junto dos últimos dois tanques (aquários?) que parecem estar cheios com qualquer coisa...

— O que vem a ser isto?— pergunta Eduardo para preencher os silêncios. — Que querem vocês mostrar-me?

Os tanques à esquerda e à direita, estão cheios de algo branco e pastoso sempre a borbulhar. De uma pureza dolorosa que contrasta com

toda a sujidade que existe em volta. Tubos elásticos mergulham neste líquido inquieto, uns a sugar, outros a derramar um creme açucarado. Além disso, para quem queira prestar um pouco mais de atenção, podem ouvir-se aqui, junto às grossas paredes de vidro, ligeiros estalidos como de uma ficha elétrica à beira do curto-circuito. Os fedores gástricos da sala foram, entretanto, substituídos por um vago perfume a ozono e a borracha queimada. Mesmo assim, curioso, Eduardo franze o sobrolho, cola as palmas das mãos à superfície do tanque da direita que vibra devagarinho, aproxima a cara, um pouco mais, tanto quanto possível antes que o nariz roce pelo vidro e, lá dentro, descobre uma forma que flutua e se agita em estertores, uma forma vaga e quase humana, algo de parcial e incompleto que não chegou ainda a atingir a perfeição. Algo que sofre, a meio caminho entre a potência e o ato.

— É...é um corpo...

Udolfo chega-lhe a boca ao ouvido direito. Elementar, meu caro companheiro. Um candidato. Ou um substituto. Porque aqui, quando um de nós se estraga e é enviado para outras paragens, surge logo outro por encomenda. Eis um deles em pré-formação, suspenso enquanto aguarda que a tragédia caia sobre nós. Sobre DOIS de nós. Foi aqui que nasceste, Incrédulo Eduardo, de nome impronunciável. Aqui te formaste, neste tanque, ainda funcional. Tanque esse que, agora, começou de novo a operar...

Eduardo recua, afasta-se da parede de vidro até deixar de ver o corpo que vegeta no interior. Deixa-se ficar tal como está e, só então, compreende o sentido das palavras de Udolfo.

— Um...um substituto?

Brazacon arrota, à esquerda de Eduardo, divertido quanto baste. E depois clama, como se o professor fosse surdo ou de compreensão lenta.

Dois de nós os três vão morrer durante a pescaria. A Besta e a lógica do sistema assim o exigem. Troca por troca. Massa por massa. Eu, ou o meu bom amigo Udolfo, ou mais provavelmente tu, que és novato, ignorante e inexperiente. Nós já demos vários mergulhos no Abismo, já visitámos os labirintos vasculares da Besta. Tu não. E é por isso que vais

fracassar, para tua grande vergonha. Em plena ignorância. No Abismo onde nem a vaga luz do Empíreo consegue penetrar...

— Vão à merda, — grita-lhes Eduardo mais que farto. — Vão todos à merda, Ninurta incluído.

Udolfo e Brazacon abraçam-no, entre duas risadas, frente a um tanque onde cresce aos poucos mais um danado.

Ai, meu caro, concordam ambos em uníssono, como se tivessem combinado a fala. Em boa verdade o dizes. Mas não precisamos de ir a lado algum para a encontrar... Porque na merda estamos todos nós!

Abandonado o alegado Vivarium, ei-los de novo a descer rumo ao quarto nível do Barbatos, já bem abaixo da superfície das águas. A sensação de claustrofobia torna-se quase insuportável. O corredor, que parece nunca mais ter fim, tem o aspeto de um túnel abobadado em forma de traqueia. O Professor tropeça várias vezes nos carris sob o riso escarninho dos companheiros que há muito aprenderam onde pôr os pés. Tropeça, pragueja e avança. Incrustadas na curvatura do teto, luzes minimalistas pingam gotículas fosforescentes. Barzacon vai à frente, a trautear, Eduardo segue logo atrás, com a mão papuda de Udolfo a empurrá-lo pelas costas. Os soldados fecham a procissão.

Barzacon trava de súbito, como se tivesse lembrado de qualquer coisa importante. Provavelmente de um novo suplício, pois torturar o novato parece estar na ordem do dia. De dedo erguido, volta-se para Eduardo que quase chocou com ele, aponta para a parede curva e pegajosa de humidade, e faz-lhe sinal que se aproxime. Encosta aqui o ouvido, diz-lhe em voz sonante com o corredor a abafar-lhe os ecos, vá lá... Sem medo, pois Barbatos vela por ti... É uma experiência única, digo eu, correto camarada Udolfo? Mais alguns minutos de espera não vão prejudicar ninguém...

O Professor já percebeu que hoje é o dia de ser educado nos horrores da vida quotidiana. Chega-se à parede e encosta o ouvido à madeira do casco. Decerto querem que ele escute o oceano. Pois bem: que assim seja.

Eduardo ouve em primeiro lugar um portentoso arroto, logo seguido de um sinistro plop-plop de bolhas de gás prisioneiras, como se um

líquido hiper-denso estivesse a raspar do outro lado, numa raiva monótona e interminável. O navio, assim comprimido por esta força imensa, geme e suspira. É isto o que eles querem que eu oiça? Barbatos à beira da catástrofe?

Claro que não. Nada é tão simples quanto parece. De súbito, o oceano ao saber que o escutam, começa a comunicar. Outros sons chegam-lhe aos ouvidos, límpidos como cristais, e esses são bem piores do que os ruídos do madeirame a dar de si. Do outro lado, nas trevas absolutas do Lago do Breu, há agora guinchos, estalos, ganidos, estalejar de múltiplas mandíbulas. Vozes quase humanas imploram uma ajuda que nunca virá, até se perderem num tumulto global. As profundezas estão cheias de coisas horríveis a acontecer. Fauna e flora desfazem-se uma à outra numa orgia consumista. Thoreau perguntou um dia se os peixes gritavam e se havia alguém capaz de escutar os seus gritos. Eduardo está ali para isso mesmo, para prestar testemunho. De orelha colada ao casco, estremece num arrepio existencial. Lá fora, tudo o que é vivo entredevora-se, com entusiasmo, com determinação. Peixes demónios mastigam outros peixes que tiveram a infelicidade de pertencer a uma hierarquia inferior. E todos eles gritam... oh se gritam... Se um dia os seus companheiros de infortúnio resolverem deitá-lo borda fora, para se divertirem com um pobre idiota que não acredita no Céu nem na Sua Indiferença, deve com certeza haver lá em baixo milhares e milhares de bocas, abertas como vaginas dentadas ansiosas por provar um pouco da sua carne regenerada. Seria esta sugestão de Barzacon um aviso? Ou apenas a necessidade de partilhar com um neófito um inefável prazer estético?

Eduardo estremece, afasta a cabeça do casco, recua até ao meio do corredor, dá uma sapatada nos braços de Udolfo e de Barzacon que procuram segurá-lo para que não caia estatelado, e resmunga entre dentes:

— Pronto, já percebi. Lição aprendida. Le plus grand mange le plus petit, c'est cruel mais c'est la vie. Banal, banal, banal. Agora podemos ir fazer aquilo que nos mandaram fazer? Sem mais interrupções, por favor? Estou farto de pedagogia.

Os companheiros gargalham. Os soldados nada dizem porque, no interior das armaduras, não há ninguém para dizer seja o que for.

Barzacon aponta para uma comporta de aço no fundo do túnel. A comporta é circular, esculpida com desenhos de rosas feridas pelos próprios espinhos, vermelha escarlate, como se quisesse contrastar com a monocromia cinéria do corredor que lhe dá acesso. Eduardo pisca os olhos, pois os embutidos são de uma beleza tal, de uma tal delicadeza, que até dói.

Já falta pouco, acrescenta Barzacon. Atenta nisto: Se até agora ainda não te borraste, vais borrar-te agora, de certeza...

4.

Os soldados feitos de escamas e placas, visto que é a eles a quem cabe a força da autoridade e, quem sabe, os únicos a conhecer os códigos de acesso deste cofre escondido no ventre do Barbatos, agarram-se ao volante de metal da comporta, digitam ícones e runas nos respectivos teclados laterais, fazem força enquanto algures, protestam as engrenagens, reequilibram-se pressões e a circunferência de aço roda para o lado, enfia-se nos interstícios da madeira, deixando passar quem queira penetrar na antecâmara.

Eduardo respira uma leve brisa que sopra do interior. Ao seu lado, Barzacon e Udolfo tapam os narizes, como se soubessem o que aí vem. Inocente como é, o professor não faz nada disso. Este frágil sopro de vento possui uma doçura avassaladora. Aqui, onde tudo cheira a mofo, a podre, a carnes mal lavadas, o ar da antecâmara é puro como uma bofetada. De súbito, Eduardo mal pode respirar. O coração sofre um baque, imobiliza-se durante milésimos de segundo e depois volta a bater. Entre as virilhas, o pénis sofreu, entretanto, uma ereção quase incontrollável. Desamparado deixa-se cair de joelhos, de braços abertos em cruz e olhos fixos numa antecâmara bem mais iluminada do que o corredor que acabaram de percorrer, aterrado perante um gosto de Absoluto. Um gosto gerado por um bafo de ar que logo se dispersou. Coitus interruptus, pensa. Ponto final.

E, contudo, a pequena sala, onde os carris terminam, está vazia de gente. Um pequeno vagão, semelhante a um trono sobre rodas, atafu-lhado de correntes e algemas, aguarda mesmo ao centro. De ambos os lados desta bolha perfeita, podem ver-se prateleiras carregadas de equipamentos vários: Pinças. Capacetes. Tubagens. Cordas. Espigões.

Barzacon e Udolfo aplaudem um Eduardo que se esforça por voltar a pôr-se em pé. Entretanto o perfume dissipou-se e a sensação de mergulho num vertiginoso vortex de prazer desapareceu de uma vez por todas. A antecâmara passou a cheirar ao que cheira o resto do navio: aos fedores do desespero.

Ups, que falha a nossa, diz Barzacon, que crueldade, como foi possível não te termos avisado do que ia acontecer quando se abrisse a comporta? Mas já passou, correto e afirmativo?

Eduardo encolhe os ombros. Quer lá saber dos falsos sentimentos. Aqui, neste lugar, todos sofrem de maldade voluntária. O pior, aparentemente, ainda está para vir.

Enquanto isso, Udolfo chegou-se junto de uma das prateleiras onde começou a remexer nos equipamentos que por lá existem em pilhas desarrumadas. Objetos heteróclitos tombam no chão sem que ninguém os recolha. Os soldados, esses, esperam à porta do lado do corredor, numa paciência expectante. A função deles é outra.

Terminada a recolha, Udolfo chama por Eduardo e Barzacon e começa a distribuir aquilo que recolheu.

Primeiro três pares de luvas negras, feitas de pele e de um rendilhado de fibras ósseas que imitam as articulações dos dedos. São luvas enormes, daquele tipo que se podem esticar até acima dos cotovelos.

Calcem lá isso, ordena Udolfo aos companheiros. Verifiquem se há cortes ou rasgões. Se houver o mais pequeno dano, convém trocar. Olha, meu menino, continua, dirigindo-se particularmente a Eduardo. Se tocares naquela coisa com a pele nua ardes, percebes? E vai ser um ar que te deu. A presença do Visitante é-nos absolutamente tóxica.

O professor calça as luvas como se não tivesse mais nada que fazer. A pele e o metal de que são feitas colam-se-lhe aos dedos e aos braços.

A pressão contra os pulsos aumenta devagarinho, mas não ao ponto de cortar a circulação. É como se as luvas estivessem quase vivas e não quisessem deixar, entre as articulações e a pele, a mais pequena bolha de ar.

Depois das luvas seguem-se os capotes, fabricados com um qualquer material que escorre como óleo e que os cobre do pescoço aos pés. Não há aqui botões ou cintos. Os capotes enfiam-se pela cabeça e é só deixá-los descair até aos calcanhares.

Por fim, eis as máscaras. Máscaras de gás, aparentemente, daquelas que ocultam olhos e nariz e terminam num bico rígido, como as que eram usadas nos bons velhos tempos da Peste Negra. É mais um cravo na estética do horror, nada de estranho, atendendo ao lugar onde se encontram.

Barzacon e Udolfo enfiam-nas respetivas cabeças e ali ficam, como pássaros bípedes, à espera que Eduardo os imite.

O professor suspira, obedece e atrapalha-se a atar as correias de couro que se unem na nuca. Através das lentes foscas, a luz branca da pequena antecâmara perdeu parte da sua vivacidade absurda. Baixa os olhos e só então repara que à volta do vagão, existe um círculo cravado no solo. Milímetros separam os carris do resto da sequência que se perde no corredor. Está de pé, na plataforma de um elevador. Algo que conduz a...

Barzacon dá-lhe uma pancadinha no ombro. Na mão estendida encontram-se duas esferas gelatinosas.

Para enfiar nos ouvidos. Bem fundo, para que nenhum som passe, porque daqui a pouco não temos outro modo de comunicar contigo a não ser por gestos. Sinais muito simples. Tipo agarra aí, puxa para cá, aperta isso. Mas... vê lá se percebes, pois não me apetece nada aturar a fúria de Ninurta caso haja chatices. Vais ver uma coisa para a qual não há nome. Vais estar na presença de um fragmento do Absolut. Espera, espera, ouve-me primeiro.

Eduardo acena que sim. A mão enluvada agarra as duas minúsculas esferas. Os dois gelóides supuram um fluido amarelado. O bico de pássaro de Barzacon quase roça no seu.

Vamos descer mais uns quantos metros, até à zona mais secreta do Barbato. Não sei se já reparaste, mas encontramos-nos em cima de um

elevador. Lá em baixo está o ISCO. A nossa missão é pegar nele e conduzi-lo à proa do Barbatos. Com o máximo de eficiência e sem recuos.

— O...o...isco? Qual isco?

Do outro lado da máscara de avejão, Brazacon estala as mandíbulas, enquanto Udolfo improvisa um pequeno sapateado. Junto à comporta, os soldados permanecem imóveis.

Sim, sim, o ISCO, prossegue Barzacon. Disse-te há instantes, estimado Impronunciável, que o acesso ao Empíreo é impossível, porque é impossível vencer a gravidade que nos prende ao lugar onde nos encontramos. Nada pode subir, não há meio de conseguirmos escalar até às portas do Céu. Mas olha que existem coisas que podem cair lá do alto, num tombo que dura dias e dias. Nove ou qualquer coisa, como diria o Poeta. Porque, como bem sabes, no Céu só existe a guerra, uma guerra que se prolonga para sempre em busca de um lugar apropriado no TRONO. Os Soldados da Luz esquartejam-se em harmoniosa alegria. E há quem perca as asas no processo. Há quem mergulhe de cabeça no Abismo.

Aos poucos, Eduardo começa a compreender. A brisa perfumada. As rosas em sangue talhadas na comporta. As algemas e demais correntes. A máscara, as luvas, os filtros. No fundo do elevador há decerto qualquer coisa que não pertence ao Inferno. Qualquer coisa que...

O nosso Mestre, teve uma sorte...hum...danada? Há coisa de um século, um soldado caiu no Lago do Breu mesmo junto ao casco do Barbatos. Um soldado vivo e mutilado. Um soldado que é capaz de cantar num timbre perfeito, Glória in Excelsis. Que é capaz de atrair até nós a Besta, porque esta sofre da nostalgia do Céu. Um ISCO que os outros navios pesqueiros não possuem e que ajudou Ninurta a subir na hierarquia do Reino. Graças ao ISCO somos nós, os primeiros na grande caçada que dura para sempre, porque como é bem entendido, nunca vamos deixá-Lo regenerar-se. Nunca, caro descrente, NUNCA.

Eduardo estremece. Os dois obturadores auriculares estremeçam-lhe na palma das mãos.

Caro Professor, insiste Brazacon, a partir deste instante, não quero ouvir-te falar de piedade ou bons sentimentos. Aquilo que vamos buscar

ao porão é deveras monstruoso. Não se trata de um gatinho abandonado ao frio. Não é um pássaro caído do ninho. O ISCO só merece o teu desprezo. Quer queiras quer não, convence-te de que estás no Inferno e que tudo o que pertence ao Céu se tornou tóxico. Se lhe tocares, morres em sofrimento atroz. É por isso que não podes ouvi-lo chorar, cantar, suplicar. Não podes tocar-lhe com a palma nua das mãos. Não podes contemplar a luz que dele emana com os olhos descobertos. Aquelas criaturas excluíram-te para sempre. Deves odiá-las, nunca amá-las.

— Vocês...vocês...capturaram um Arcanjo, é isso? E servem-se dele para...

Um Arcanjo ferido e sem espada, correto. Uma lasca do Céu neste soturno lusco-fusco. Algo que Leviatã deseja consumir. Se o deixarmos, claro.

Eduardo engole em seco. O horror abraça-o e não há fuga possível. Se, de facto, o Céu existe, para sua desgraça, nunca mais vai poder chegar-lhe. Enquanto isso, por detrás do vagão, Udolfo executa mais uma dança parva.

Queres saber como é que eu vim parar aqui? Queres conhecer a natureza abominável do meu crime? Pois mesmo que não queiras, eu conto: estou aqui, porque numa época diferente da tua, enquanto ainda era vivo, costumava dar aos pobres. Sim, sim, um belo exemplo da Caridade interesseira. Dava aos pobres em busca de uma recompensa post mortem. Era generoso, porque queria ir parar ao Céu. Nada mais simples, correto? Troca por troca, Ao morrer, despertei afinal no proverbial Inferno. Como castigo. Porque não exerci a caridade desinteressada.

Eduardo bate com os pés nus no chão até que Udolfo lembra, muito a propósito, que ainda há botas ferradas para calçar.

— Basta! — grita o professor. — Estou farto!

Farto? Ah, fartinhos estamos nós, vítimas desta comédia interminável. Mas ainda não acabei, pois o exemplo de Udolfo também merece ser lembrado. Aquela bola de banha que pouco ou nada fala, é uma criança e será criança para sempre, embora este corpo que lhe atribuíram se assemelhe ao de um adulto.

— A sério? — pergunta Eduardo, resignado, como se perguntar tivesse alguma utilidade neste lugar onde se encontra.

Udolfo foi morto pelo próprio pai aos dez anos de idade. Na Irlanda, durante a fome da batata. O pai matou-o à machadada, tal como matou os seus sete irmãozinhos e a mãe tísica, para fazer conta certa. A razão é muito simples: como não conseguia suportar a miséria em que viviam, pensou assim: vão morrer em estado de inocência, mas depois de morrerem ascenderão ao Reino dos Céus. Nem que eu seja condenado ao Quinto dos Infernos, eles, os meus anjinhos, vão ter direito a...

Do outro lado do vagão Udolfo solta uma gargalhada de pura maldade: Anjinho, eu?

Mas, surpresa, surpresa, termina Barzacon, ficas sabendo que aconteceu precisamente o contrário. Como castigo, o pai de Udolfo ascendeu aos Céus. Como castigo, sim. Lá chegado, informaram-no de que os filhos e a mulher, mortos por amor e piedade, estavam agora a sofrer, por sua culpa, as penas eternas. É esta, caro Impronunciável, a Justiça Divina. É por isso que não me custa nada utilizar uma daquelas criaturas, alegadamente puras, para servir de isco a um monstro dos Abismos...

— Basta! — grita Eduardo, já de botas calçadas, e com a voz abafada por detrás da máscara. — Vamos acabar de vez com estes patéticos bitates de moral rançosa? Já agora digam-me porque é que me contaram as vossas vidas? Qual o interesse, qual o sentido?

Brazacon abraça o professor pela direita e faz sinal a Udolfo que faça o mesmo pela esquerda. Assim abraçados, parecem três tristes aves enrodi-lhadas umas nas outras, à volta de um trono saturado de pinças e correntes.

O sentido, caro professor? O sentido é muito simples: trata-se de uma advertência, de uma lição de vida. Contámos-te os nossos tristes destinos para que não sobre em ti o mais pequeno grama de piedade. O Céu é cruel, implacável e deve estar praticamente vazio de gente, para além da presença daquelas coisas que combatem sem fim. Portanto, não queremos lágrimas de crocodilo. O Arcanjo que nos espera no fundo deste poço não é boa gente. De todo. Só merece o nosso asco, entendes? Por culpa dele e de quem em tempos ocupou o Trono ora vazio, estamos nós a sofrer para sempre e mais um dia. Todo o amor que puderes sentir na Sua presença, não é mais do que um engano, uma forma torpe de ins-

pirar um sentimento de falsa piedade. O Arcanjo é tóxico, corruptor, a sua voz é insinuante como um veneno que se instala. Por isso não deve ser ouvido, tocado, cheirado, percebes? Toda e qualquer sedução leva à morte e, juro-te a pés juntos, que tudo o que ele disser, não passa de uma mentira. Mesmo que lhe prestes auxílio, nunca, nunca poderás ascender aos Céus. És um danado. E os danados não têm o direito de amar. Estamos entendidos? Mas... porque há sempre um “mas”, estimado Impronunciável, caso venhas a corromper-te, estão ali dois guardas. Ao menor sinal de fraqueza da tua parte, caso falhes este Ritual de Passagem, Ninurta deu-lhes ordens para te cortar àsostas...

Em pedacinhos, eheh, conclui Udolfo por detrás do bico da máscara. Em pedacinhos tão pequenos e singelos, que...

Eduardo sacode os braços e os companheiros libertam-no, enfim.

— Estou farto de vos aturar,— grita-lhes numa voz rouca. Não consegue fazer outra coisa senão gritar até perder a voz. — Vamos lá a despachar-nos.

E, dito isto, enfia nos ouvidos as duas bolotas de sebo.

Faz-se silêncio.

5.

E em silêncio descem.

A plataforma que sustenta o vagão, roda, roda devagarinho como um parafuso que se enrosca, as paredes laterais do poço deixam de ser madeira para se tornarem em qualquer coisa parecida com um pedaço de lava ou de pedra-pomes polida. Eduardo, cuja garganta secou, mergulhado nesta escuridão de quase anomia sensorial, pergunta a si mesmo se o pescueiro Barbatos é mesmo um navio feito de madeira, ou se não passa de um gigantesco fragmento de lava onde foram incrustados uns quantos milhares de tábuas de madeira carbonizada. Para o caso pouco importa. Descem. Descem. Descem. Ele, Barzacon, Udolfo e os dois mecanóides. Afundam-se numa escuridão que aos poucos se aclara, substituída por uma luminosidade crescente, um fulgor tão intenso como uma bomba de fósforo.

De um momento para o outro, terminada a descida, ei-los assentes no fundo de uma caverna onde a pequena plataforma acabou de enroscar-se. Aqui os carris, perfeitamente sincronizados, continuam na direção de...

Eduardo cerra os olhos pois custa-lhe perceber onde se encontra. A luz ambiente dói como se estivesse a olhar diretamente para o sol. Um perfume nauseante insinua-se através dos selos da máscara. Cheira-lhe vagamente a círios, rosas e cemitérios. Ao seu lado, Barzacon e Udolfo agarram-se às bordas do vagão para não se deixarem cair de joelhos. Caso isso viesse a acontecer, os guardas poderiam desconfiar. Porque

quem se submete à presença de um membro das Hostes Celestes, deve estar prestes a cometer um ato de traição.

Nem pensar nisso. Pernas firmes e direitas, é o que se requer.

Há, contudo, qualquer coisa errada com a gravidade. De um momento para o outro o professor mal consegue assentar as botas no chão. Parece estar prestes a flutuar, a ascender, a elevar-se até à abobada do teto. Como se tudo isso fosse fácil. Como se existisse a possibilidade de fuga e perdão.

Vaidade, pensa Eduardo, agora que os olhos se foram habituando à luz ambiente. Tudo é vaidade...

Porque a criatura que tombou das alturas através do orifício que conduz ao Céu, está ali, suspensa em toda a Sua glória, acorrentada de braços e pernas, com uma lança de agonia cravada a poucos milímetros de ambos os seios. As correias seguram-na a dois metros do solo, sobre uma grelha que serve de escoadouro. É por aí que desaparece o fluxo perpétuo do sangue que vai pingando pela perna direita. Um fio dourado que, entretanto, percorreu a curvatura abobadada do ventre, humidificou a vagina onde não se vislumbra a menor sombra de pelos púbicos, e voltou a surgir na virilha direita. O sangue goteja através do pé, que não é propriamente um pé, mas algo dotado de unhas curvas e brutais como as garras de um condor.

Eduardo não imaginava que os Arcanjos pudessem ter sexo ou ser parecidos com uma mulher. O Belo é terrível, disse um dia Píndaro e aqui está a prova provada de que o Grego não se enganou...

A verdade é que o Arcanjo é belo de uma beleza dolorosa e quase insustentável. Os seios são perfeitos, rotundos como os da Vénus de Botticelli. O ventre parece apelar à carícia, a vagina gotejante de ouro à penetração imediata. Uma aura de luz indefinível banha-lhe o corpo nu. Deve ter mais de dois metros de altura e o rosto, aí o rosto...

O professor estremece, com o pénis incapaz de decidir se deve mostrar-se erétil ou contraído ao máximo. Estremece, numa mescla de pavor e de desejo. Porque a criatura está a olhar para ele, como se Eduardo fosse o único humano disponível no universo. A olhá-lo com o azul profundo de um olho, pois o outro está vazado em ferida aberta. Está

decerto a implorar ajuda, como se Eduardo fosse a única salvação possível naquele lugar irremediável. A boca abre-se e fecha-se, os lábios rasgam-se num murmúrio e, do outro lado desses lábios, há dentes, fieiras e fieiras de dentes perfeitos, como se uns quisessem crescer por detrás dos outros. Tira-me daqui, pede uma voz que parece vir de lado nenhum, pois Eduardo está surdo, surdo como uma porta, rodeado por um silêncio de pedra. Tira-me daqui, mata-os a todos e o Céu é teu, meu amor. Vamos ascender juntos até à Glória.

Embora o Arcanjo não tenha pelos púbicos, cabelos têm-nos ele em abundância. Uma aura de filamentos negros e lustrosos, vivos como eram vivos os cabelos de Ninurta, ladeiam um rosto perfeito, que a destruição de um dos olhos maculou. Os lábios abrem-se num pedido feito de vazio e Eduardo só queria esquecer tudo e beijá-los em busca de um perdão por um crime ridículo de descrença.

Mas nem pensar. Os soldados estão ali para o impedir. O professor nada pode fazer senão deixar-se ficar onde está, teso e quedo. A beleza terrível do Arcanjo não passa de uma ilusão. A promessa de ascender a um Céu impossível, é isso mesmo, uma simples promessa. A criatura nunca poderia voar, porque lhe falta uma das asas, arrancada no coto durante um combate que o projetou do Empíreo ao negrume do Lago do Breu. A outra está colada às costas por tiras de couro, tiras que maceram as penas, arrancam algumas, quebram outras, e é essa penugem que gravita em torno do Arcanjo, sem nunca chegar realmente a cair no chão, prisioneira da frágil gravidade.

Barzacon e Udolfo, provavelmente mais habituados a estes encontros, pois toda a repetição gera indiferença, abandonaram, entretanto, a plataforma e fazem-lhe sinais para que Eduardo os siga. Um dirige-se para a direita, o outro para a esquerda, para um lugar recôndito onde existem manivelas e cremalheiras. Finalmente, Eduardo percebe qual é a sua função: fazer deslizar o trono sobre os carris até este ficar mesmo sob as unhas recurvas do Arcanjo. Olha para os soldados, à espera de ajuda, mas estes deixam-se ficar onde estão. Nem sequer chegaram a abandonar a plataforma.

O professor, morde os lábios, solta um soluço de desejo reprimido, encosta-se ao vagão e empurra. A traquitana abandona a plataforma num movimento fluido, como se os carris estivessem oleados por múltiplas utilizações.

Eduardo, enquanto empurra, esforça-se por respirar apenas através da boca, protegida pelos filtros. Mesmo assim há algo que consegue penetrar. Depois do cheiro adocicado a flores e morte, agora o interior da máscara fede a chocolate, uma essência ao mesmo tempo discreta e insistente que lhe lembra os perfumes das lojas de Bombons de Bruxelas. Levanta os olhos, a medo, pois percorreu num instante o espaço que o levava da plataforma, à figura crucificada do Arcanjo. Não quer ouvir o que este lhe pede, mas as súplicas fantasmas soam ainda mais alto no silêncio absoluto dos ouvidos obstruídos, mata-os, amor, mata-os a todos, e eu serei tua, teus serão o Poder e a Glória...

Um minuto depois o trono/vagão está mesmo sob as unhas trémulas do Arcanjo. Dois ou três pingos do fluido que escorre pela pata direita acabam por tombar-lhe sobre as costas e logo de seguida para o chão, visto que o capote parece querer rejeitar qualquer tipo de contacto com o Absoluto. O vagão imobilizou-se, não pode avançar mais. As rodas travaram contra os calços cravados nos carris. Eduardo deixa de empurrar e fica assim, sem saber o que vai seguir-se.

À esquerda e à direita, na névoa luminosa que parece vir de lado nenhum, os seus companheiros rodam manivelas, carregam em botões ocultos, erguem os braços como se estivessem a praticar um ritual incompreensível.

Eduardo solta um gritinho abafado, ao dar-se conta que os dois pares de garras recurvas descaíram alguns centímetros em direção ao trono. Por um pouco a unha da pata esquerda não lhe traçou um rasgão no capote. De facto, o Arcanjo está a descer devagar, sempre suspenso pelas correntes que o crucificavam. E enquanto desce, esperneia. As pernas nuas da criatura estão agora ao nível do bico da máscara respiratória do professor. Um pouco acima dos tornozelos, as escamas de avejão foram substituídas por uma pele de uma doçura de alabastro. Um fio de sangue concentrou-se contra a barriga da perna direita, mas já não escorre,

antes parece dissolver-se numa pequena nuvem feita de vapor. O Arcanjo descai, centímetro a centímetro, em discretas sacudidelas, como se o mecanismo que até ali o sustentava estivesse mal sincronizado. Culpa de Barzacon e Udolfo, claro. Eduardo ergue os olhos e fixa-os numa cintura fina, esguia, como a da vespa que o matou. Mais acima, o tórax ergue-se em quilha separando a plenitude dos seios e, mesmo no centro, a ferida causada pela lança que até ali o massacrava, começou a cicatrizar-se num processo de cura tão rápido quanto impossível. A lança, essa, recuou nas alturas, sujeita ao mesmo mecanismo de relógio das cadeias.

As patas da criatura tocam nas bordas do vagão, procuram agarrar-se aos braços do trono, impedir a descida, mas cada uma delas acaba por deslizar para o seu lado até assentarem numa pequena plataforma inferior. Lá ao fundo, os dois companheiros gesticulam, apontam, rodopiam os dedos enluvados no ar, como se quisessem dizer-lhe qualquer coisa. Eduardo não liga, faz-se de parvo, aturdido pelo rosto que ora confronta. O olho são é enorme, redondo, esbugalhado como se fosse uma esfera de um absoluto azul. Lágrimas correm a fio, também elas perfeitas e redondas, na frágil gravidade do porão. O nariz é aquilino, sem estrutura óssea aparente, pois treme e contrai-se como o focinho de um cavalo. As maçãs do rosto dão à cabeça do Arcanjo uma vaga impressão de ofídio. E a boca, céus, a boca abre-se e fecha-se sobre uma quantidade de dentes brancos, os lábios escarlates rasgam-se e imploram, Eduardo sabe o que estes lhe estão a pedir, que a solte, que a liberte das cadeias, que a ajude a massacrar ali e agora, os seus companheiros de infortúnio. Está a pedir-lhe que cometa um simples ato de traição, nada mais do que isso. E, como recompensa, promete-lhe todas as delícias que se escondem no Céu, num Céu em que ele não acredita.

Mesmo protegido pela máscara e pelo capote, Eduardo não consegue fazer mais nada. Sabe perfeitamente que as armaduras vazias dos soldados estão ali para cumprir ordens, ou seja, desfazê-lo aos pedaços caso haja desvios à norma. Sabe que tem de cumprir ordens e que essas ordens são mais do que óbvias: ajoelhar-se frente ao Arcanjo. Prender-lhe ambas as patas às grilhetas inferiores do trono. E só depois soltar as

correias dos tornozelos. Transferi-lo de uma prisão para outra. Só isso e nada mais. Se todas as coisas fossem assim tão simples...

Entretanto Barzacon e Udolfo correm a ajudá-lo. Mas o tiquetaque do tempo avança devagar, empecilhado por estes pequenos horrores do quotidiano. De respiração suspensa, o professor deixa-se cair de joelhos, aflora com os dedos o pé direito da criatura, roda a rosca da corrente até libertar a pata do Arcanjo. Enganou-se, claro. Devia ter primeiro aprisionado o pé ao trono e só depois ter solto a corrente. O Arcanjo tem, assim, uma perna liberta e debate-se agora, numa ilusão de liberdade e de esperança. As unhas negras curvam-se e investem para o alto. Uma delas chega mesmo a perfurar o capote. Um odor de sedução implacável imiscui-se no rasgão assim aberto. Eduardo geme, pois a voz do Arcanjo tornou-se avassaladora. Agora a outra perna, amor. Agora. Estamos a um passo da Liberdade. Depressa, depressa, antes que eles cheguem. Só mais uns segundos. O tempo está a teu favor.

Mas o professor continua a duvidar do Céu e do êxtase do Empíreo. Toda esta situação é risível, como risível é a sensação de desejo que parece invadir-lhe o corpo inteiro. Sabe perfeitamente que, se soltar o Arcanjo, vai ser estraçalhado pelos guardas sem dó nem piedade e renascer em qualquer outro sítio, provavelmente bem pior do que este. Por isso agarra-se à perna liberta, obriga-a a dobrar-se, força, força, força e, lá no fundo, compreende que este ato de domínio é algo de cruel e Maléfico, que está a perder a inocência dos puros, que está a tornar-se num monstro entre outros monstros. O Arcanjo, desconsolado, traído, grita de boca escancarada, com os seios erguidos ao alto. Sou tua, sou tua. Eduardo ignora-a, dedicou-se de corpo e alma a esta luta de negação da liberdade, consegue aos poucos dobrar a perna da criatura enfraquecida, e enfiá-la na prisão das grilhetas, e pronto, clique, já está.

Segundos depois, num tempo que voltou a acelerar, Barzacon e Udolfo estão ao seu lado, a prenderem os braços do Arcanjo aos braços do trono, a travarem-lhe o peito com correias de couro, a enfiarem-lhe um açaime de aço contra a boca. Soltas as correntes, prisioneiro do trono, o Arcanjo torce-se como um verme preso ao anzol e chora, num corrúpio

interminável de lágrimas perfeitas. Os cabelos vivos, brilhantes, sedosos, negros de azeviche, agitam-se no ar. São a única coisa livre nesta prisão sem saída. Eduardo levanta a cabeça, desvia os olhos, fixa-os nos guardas que, entretanto, se aproximaram, de sabres erguidos, provavelmente para o decapitar, e pergunta-lhes numa voz abafada pelo capote e filtros nasais: — O que foi? Brincamos? Querem chatices?

Os guardas fazem finca pé e voltam a ser estátuas. A ameaça desapareceu. A punição deixou de ter sentido.

Eduardo contorna o trono para não ter de enfrentar a tristeza do Arcanjo. Mesmo assim o pénis lateja-lhe entre as virilhas numa ereção interminável e dolorosa. Desejar o beijo de uma criatura como esta? Enfiar o dito naquele lugar onde o sol não brilha? Ridículo, meu caro, patético quanto baste. O professor inspira fundo um perfume de flores em agonia e agarra, raivoso, os manípulos traseiros do vagão. Com a cabeça, interroga em silêncio os dois companheiros se deve avançar. E estes, por gestos, dizem-lhe que sim.

Eduardo empurra o trono no sentido oposto. Fá-lo deslizar sobre os carris, sem mais entraves, em direção à plataforma ascendente. Barzacon e Udolfo ajudam-no na empreitada. Devem estar a rir-se dele, à so-capa. O professor quer lá saber, que se vão todos lixar.

Terminou a missão de recolha e captura. Agora resta-lhes percorrer todo o labirinto de corredores, empurrar o vagão até ao convés, onde Ninurta e toda a tripulação do Barbatos esperam por eles, ansiosos, porque a pescaria está prestes a começar e o Isco tem de ser preparado a tempo e horas.

Veni, Leviatã, os ganchos esperam por ti.

6.

Eduardo não sabe quanto tempo demorou até regressar ao convés. No Inferno, os minutos podem ser horas. Fosse o tempo que fosse, o professor passou-o a arrastar os pés, a suportar os insultos e as piadas dos dois companheiros que nunca perderam a oportunidade de lhe lembrar que a vida dele esteve mesmo por um fio e que o pior ainda está para vir. De facto, o capote apresenta um rasgão no ombro, mas a unha do Arcanjo não chegou a penetrar na carne. Se fosse esse o caso, se o sangue tivesse corrido, Eduardo estaria infetado e, em nome da boa higiene, condenado a ser lançado borda fora sem apelo nem agravo. Sabe apenas que passaram pelo vestiário onde desobstruíram os ouvidos, despiram os capotes, (um deles vai ter de ser remendado) descalçaram as luvas, arrancaram as máscaras de gás. Os dois soldados que os acompanhavam deixaram-nos ali ficar e continuaram a empurrar o trono por outros corredores, através da estranha e labiríntica arquitetura do Barbatos, rumo à ponte onde Ninurta, trajado a rigor com um fato de combate, luvas cobertas de escamas e uma máscara de corvo marinho, indicou a quem de direito que o Arcanjo deveria ser amarrado no lugar da figura de proa. Bem preso e sem mordaça. Para que a sua voz possa projetar-se em frente, sobre a superfície do Lago do Breu, ou, então, bem fundo, até que haja alguém que o oiça lá em baixo.

Eduardo, Barzacon e Udolfo, de novo vestidos com as ridículas fatiottas de marinheiros, foram convidados a subir ao castelo de proa, uma

honra, diz-se, para quem enfrentou com sucesso e sem corrupção aparente, o venenoso olhar de uma entidade celeste.

Entretanto o convés fervilha com estranhas atividades. Marinheiros correm de um lado para o outro, frenéticos como formigas aticadas. As velas estão prestes a ser recolhidas nos respetivos casulos. Maquinarias várias cospem vapores fuliginosos, enquanto as lâminas associadas às seis catapultas se vão curvando, mais, mais e mais. As extremidades dos ganchos soerguem-se aos poucos como as cabeças de uma cobra capelo. Está tudo pronto, ou quase.

Mas pronto para quê?

Eduardo encontra-se de pé, ladeado pelos seus companheiros, na área até aí inacessível do navio. Ainda não deixou de tiritar, enquanto os catamitas seminus (ou, pelo menos, parte deles) circulam em volta de rabo alçado, esforçando-se por chamar a atenção de quem de direito. E enquanto espinoteiam, sempre a soltar guinchinhos entusiásticos, duas das armaduras ocas estão nesse momento a retirar o freio de ferro da boca do Arcanjo.

A uma distância prudente do seu oposto celeste, Ninurta bate as palmas, os conselheiros erguem as queixadas, prestes a entoar uma qualquer canção de vitória, e depois calam-se, como se lhes tivessem desligado o interruptor. De momento, mais nada se ouve além do sopro do vento, os pios da bicharada que, lá no alto, se faz passar por pássaros, os estalidos das molas junto aos ganchos e, enfim, o marulhar das vagas negras e tóxicas do Lago do Breu a rasparem contra o costado do navio.

Ninurta faz um sinal, com o dedo enluvado, para que Eduardo se aproxime dele um pouco mais. Sim, que deixe os companheiros para trás, porque a conversa pretende ser privada. O professor não pode fazer mais nada senão obedecer. Avança, descalço, com os calcanhares a escorregar sobre a madeira negra e polida que cobre a ponte. O Mestre chega-se a ele, agarra-o pelo cotovelo e, mais uma vez, Eduardo sente de perto a presença irrecusável do Duque do Inferno. O odor corporal da criatura lembra óleos perfumados, tão agressivos, que o enjoo quase se instala. O professor engole em seco, e esforça-se por respirar apenas

pela boca. Nada feito. A náusea cresce, cresce e cresce. Enquanto isso, a cabeleira do Mestre ondula no sentido contrário ao sopro do vento.

— Então, — pergunta-lhe Ninurta ao ouvido, enquanto a língua elástica, escondida sob o falso bico da máscara, lhe acaricia o lobo da orelha. — Depois de tudo o que viste ainda continuamos descrentes? Ainda duvidas? — Em seguida aponta na direção do orifício cravado no negrume do céu. — O que vem a ser aquilo ali em cima? O sol?

Eduardo encolhe os ombros.

— Não faço ideia. Um foco de luz qualquer, julgo eu. Nunca consegui entender a física deste lugar...

O Mestre gargalha e abraça-o num amplexo ao mesmo tempo sedoso e visceral: — Ah, meu querido, que inocente, que delícia, que sentido de humor perante a tragédia da existência... Estás a ver o Céu à distância de um canudo e ainda o negas? Pois foi de lá que tombou o Isco. Às voltas, às voltas, às voltas, durante nove dias, com as asas a arder. Este fragmento passou a ser NOSSO, pelo menos enquanto Barbatos resistir à pescaria. Nosso também é o privilégio de o ouvirmos chorar com saudades do Céu. E agora... sim, e agora ele ou ela, para o caso tanto faz, vai abrir a boca que por pouco não te seduziu, e implorar a ajuda dos Seus irmãos, que nunca virão buscá-lo. Lá no alto, no Empíreo, ninguém quer saber dos que perderam a batalha. Porque o Céu é surdo. Implacável. Indiferente.

Eduardo esforça-se por controlar um vômito azedo. Sacode a cabeça. Quer dizer não, mas é melhor calar-se.

Ninurta larga-lhe o cotovelo e abre os braços em volta, como se quisesse incluir toda a vastidão do Inferno.

— A pescaria está próxima. O Isco vai balir e a Besta ouvi-lo. No fundo do Lago do Breu, no negrume denso e absoluto, onde tudo se entredevora, Leviatã vai erguer-se na sua imensa e trágica beleza. E será nosso, querido Impronunciável. Pelo menos durante algumas horas.

— Posso perguntar uma coisa? — pede Eduardo entre dois ameaços de vômito. — Posso saber o que faço aqui? Porque fui eu o escolhido? Que quer o Mestre de mim?

— Que quero eu? Oh, meu caro, um Duque do Inferno nada quer, porque já tem tudo. És tu, meu docinho, quem vai querer isto e muito mais. Porque a tua Iniciação ainda mal começou. Para viveres aqui connosco, no Barbatos, terás de provar que és digno desta empreitada... Tu, sim, tu o novato, o iniciante, vais afundar-te na carne da Besta. E regressar vivo, espero eu, com um prémio na sacola...

— Não entendo. — murmura Eduardo, em desespero de causa. — Não percebi nada de nada.

Ninurta aperta-lhe as bochechas entre as duas mãos enluvadas. A boca rasga-se uma vez mais num sorriso de ódio. E murmura baixinho:

— Eis um pequenino e discreto segredo. Chiu. Caluda. Dois de vós vão morrer. Mera questão de equilíbrio de massas. Não é nada de pesoal. Mas a verdade é que eu não queria que fosses tu o sacrificado. Não queria, porque o sabor da tua incredibilidade não tem igual. Portanto acautela-te, diz-te este teu Mestre em surdina, para que ninguém mais o oiça. Barzacon e Udolfo apenas desejam a tua perda e um lugar à mesa da Refeição. Sinto muito, mas a verdade é que, à mesa, só existe espaço para mais um. Portanto, serás tu ou eles. E para seres tu, meu querido, vais ter de fazer um pequeno esforço para que os outros fiquem para trás. Já perdeste parte da tua inocência ao manuseares a perfeita arquitetura de um Arcanjo. Violência, violência, a quanto obrigas. Agora resta-te cometer mais um pequeno crime...

Eduardo contrai-se. Só pede que Ninurta se afaste um pouco. Apenas isso.

E os deuses, se deuses existem, fazem-lhe a vontade.

Porque nesse preciso momento, a Figura de Proa abre a boca e começa a gritar.

7.

Onde antes não havia som, apenas um gemido de tristeza, agora as maxilas escancaradas do Arcanjo abriram-se num clamor de mil sirenes. Os avejões que voltejavam em torno dos mastros desapareceram, assapantados, no negrume do céu. O convés da ponte estremece, sujeito a uma vibração de 90 decibéis. O som é tremendo, absoluto, destruidor de tímpanos, caso a fisiologia de Eduardo e dos restantes tripulantes ainda respeitasse as normas terrestres.

O professor compreende por que necessitou de tapar os ouvidos durante o processo de recolha no porão, mas custa-lhe a entender porque é que Ninurta insistiu tanto para que ele retirasse os obturadores. Pode ser que os desígnios do Mestre sejam insondáveis. Ou então, muito simplesmente, quis que Eduardo estivesse ali, ao seu lado, para aprender uma nova lição...

Ninurta volta a agarrar-lhe o braço, receoso que o professor perca as estribeiras e cometa qualquer disparate irremediável. Ignorados por todos os presentes, os catamitas colaram-se à amurada, abraçados uns aos outros num novelo protetor. Os conselheiros, esses, ergueram os braços e giram agora num pé só, naquilo que só poderia ser uma dança celebratória.

Veni, veni Leviatã, veni.

Aos poucos os berros do Arcanjo foram ganhando ritmo, como se a criatura estivesse a declamar poemas numa língua estranha. A voz vai e vem, perdida em mil estridulações. Parece um pássaro a chamar uma impossível madrugada, um corvo a exigir a posse de um novo território,

um soprano a cantar uma melodia feita toda ela de puro desespero. Parece uma Banshee a anunciar mil desgraças. Por vezes, numa mera questão de segundos, o cântico altera-se e lembra agora o ulular de um lobo a avisar a alcateia da proximidade de uma presa fácil. Ou o sofrimento de alguém que acabou de ser caçado. Preso à proa, de cabeça virada para o ondular oleoso do Lago do Breu, o Arcanjo chama por salvação que nunca virá. Sabe que está para sempre perdido no meio das sombras, mas, mesmo assim, insiste em anunciar a perfeição do Absoluto.

Eduardo estremece, soluça. Este apelo tem a força de um soco no estômago. Ou um bilião de unhas a raspar nas ardósias. Indiferente a todos, o Arcanjo canta uma perda infinita enquanto as lágrimas escorrem pelas bochechas do professor para logo serem apagadas pela vibração do ar.

O vento esfumou-se, mas a estrutura do Barbatos ainda não deixou de vibrar, à beira da rutura. Aquietaram-se as vagas. As águas do Lago do Breu espalmaram-se numa calmaria absoluta. Espalmaram-se e começam aos poucos a adquirir a forma de um círculo côncavo, como se o navio estivesse a afundar-se à beira de um remoinho que se alarga até se perder de vista.

— Ele vem aí! — grita Ninurta aos ouvidos de Eduardo. — A Besta ouviu o chamamento e está em Ascensão. Vinda do Abismo, só quer devorar a LUZ, assimilar o Mensageiro, mas enganou-se, pois ela vai ser nossa, nossa, NOSSA!

Algo imenso está a subir. Barbatos encontra-se mesmo por cima de uma imensa bolha de gás que cheira a lama e putrefação. É o perfume das profundidades que a Besta arrastou atrás de si.

Estimulado pela agonia do Arcanjo, Leviatã abandonou a noite profunda do Lago do Breu. Está agora a erguer-se devagar como se tivesse todo o tempo do mundo e, enquanto sobe, afasta para o lado as águas que o cobriam. A figura de proa calou-se, entretanto. Um dos soldados devia ter voltado a colocar-lhe a mordaça, pois o apelo deixou de ser necessário. A Besta ascende, e só isso importa. Sobe em toda a Sua plenitude e o Barbatos escorrega, arrastado nesse rodopio, enquanto as águas em volta ganham claridade, porque quem aí vem brilha como o fósforo em chamas.

Não, murmura Eduardo entre dentes, por favor, não!

Mesmo ao seu lado, Ninurta gargalha num risinho mau. Os conselheiros aplaudem. Ganem os catamitas. Lá em baixo, sobre o convés, junto às caldeiras, silvam fumarolas de vapor, comprimem-se molas num aperto final. Está quase. Quase!

Eduardo quer fugir, mas não consegue desviar os olhos do oceano. Um oceano que deixou de ser líquido para se solidificar numa ilha imensa que empurra Barbatos para o lado, como se fosse um mero barquinho de papel. Eis Leviatã, enfim presente. Ali está o Horror em toda a sua glória.

A Besta ascende mais e mais, como se o seu corpo não tivesse fim. A ilha nascente transformou-se numa falésia de carne, composta de espigões, opérculos, bocas, feridas ulceradas a supurar pus. A Besta ascende e, céus, parece feita de mil olhos a luzir como focos de halogéneo. Nela há ninhos de tentáculos emaranhados que lembram uma cesta de serpentes. Braços esqueléticos que terminam em pinças a estalejar. E existem rostos, sim, milhares de rostos quase humanos a fazer de baixos relevos nesta incalculável muralha carniforme. Rostos de uma ácida beleza a cicizar promessas, outros atrozes, a anunciar ameaças numa linguagem que ninguém seria capaz de entender. Coladas a este corpo podem ver-se centenas de rémoras de formas indefinidas. Estas contorcem-se ao contacto com o ar, desligam-se do corpo que até ali as sustentou e voltam a cair com um ruído mole, sobre a espessura das águas. Quem não quer largar o corpo do Leviatã são os parasitas. Milhões deles, minúsculos como uma unha ou enormes como girafas lagosteiras. A pele da Besta parece um fervilhar constante de mil ecologias em permanente combate.

Um fiozito de urina escorre entre as pernas de Eduardo. Coisa de pouca monta. No tumulto que se gerou em volta, ninguém repara neste pequeno acidente de percurso.

Ninurta ergue um dedo no ar prestes a lançar uma ordem, enquanto Leviatã continua a subir como se houvesse muito mais do seu corpo a sustentá-lo na profundidade do oceano. Olhos, pinças, mãos, tentáculos, Tateiam em volta, buscando a voz que, entretanto, se calou. Paralisado, com a boca amordaçada, o Arcanjo tornou-se-lhe invisível. Centenas de

bocas estremecem num ronco raivoso. Esguichos de ácido são cuspidos por fieiras de espiráculos.

Ninurta, indiferente, volta-lhe as costas, dá uma palmadinha divertida nos ombros trémulos de Eduardo, vira-se na direção do convés e declara:

— AGORA!

As molas estoiram debaixo das catapultas. Vapor explode num fragor de canhões. E os ganchos, os seis ganchos imensos que ladeavam a amurada do Barbatos, erguem-se no ar como dentes ferozes, prontos para morder. As correias que os prendem ao barco deslizam, fumegantes, nos carretos. Seis marinheiros controlam as trajetórias, vá-se lá saber como. Os ganchos de fulgurite sobem, muito acima dos mastros nus, vinte, trinta, quarenta, cem metros, diligentes como mísseis, e depois voltam a cair sobre o corpo do Leviatã. Seis anzóis penetram na pele do monstro, fundo, fundo, num frenético torvelinho, até desaparecerem de vista. Esticam-se as correntes até ficarem tesas como as cordas de um violino. Barbatos ancorou, contra os costados da Besta.

Eduardo não consegue compreender como isso pode bastar. Um Leviatã não se pesca com meros anzóis. Será que a Besta se deu conta deles, percebeu que foi caçada?

E se, entretanto, resolver mergulhar? Se quiser desistir da busca que a levou à superfície, não há nada que possa salvar o Barbatos de ser arrastado de volta aos abismos.

Eduardo volta-se para Ninurta para pedir explicações e este abraça-lhe a cintura, aponta com a outra mão enluvada na direção do convés e, depois, para a maquinaria trepidante associada aos anzóis. O professor não consegue determinar se a expressão dele é de alegria ou simples tédio. O rosto mascarado do Mestre transformou-se numa mancha de sombra.

As correntes que prendem o monstro ao Barbatos rangem e gemem, próximas do ponto da rutura. Lá atrás, a uma distância discreta, Barzacon e Udolfo, de certo habituados a estas lides, acenam-lhe com o dedo indicador levantado sobre o punho! Vão-se lixar!

— Ignora-os, — cicia Ninurta. — Olha antes para mim, pois sou eu quem manda. Estás a pensar nos anzóis? Como são frágeis e quebradiças

estas linhas de pesca? Receias a fúria da Besta? Achas que ela entendeu o que se passa? Olha que naquele corpo pulsam mil corações, raciocinam dezenas e dezenas de cérebros secundários. Felizmente Leviatã é demasiado vasto para entender tudo de seguida. Os cérebros periféricos mal conseguem comunicar uns com os outros. As mensagens demoram a chegar. E, quando chegam, chegam cruzadas. É verdade, meu caro Incrédulo, tens toda a razão. Os anzóis não bastam para o prender. Impossível açaímá-lo. Impossível contê-lo por mais de alguns minutos. Mas... pois há sempre um “mas” em todas as histórias, vamos adormecê-lo e, em seguida, envenená-lo. Nada mais simples. Presta atenção.

Ninurta bate as palmas três vezes. A tripulação escuta-o e aplaude. O resto da maquinaria, até aí passiva, ativa-se. As bordas do convés enchem-se de faíscas. De súbito, o ar fica carregado de cheiro a ozono e a metal sobreaquecido. Há dínamos escondidos por baixo do convés. Dínamos ativados por demónios de energia, prestes a funcionar às ordens de quem manda. E quem manda é o Mestre. Ninurta.

E a corrente elétrica, uma descarga brutal de milhares e milhares de vóltios, percorre os fios de cobre emaranhados nas correntes dos seis anzóis e penetra na falésia feita de carne do Leviatã. Partes da criatura estremecem, fumegam, pegam fogo, desprendem-se dela dezenas de parasitas de súbito calcinados. Um fedor a qualquer coisa de indefinível junta-se ao cheiro a lodo, ao pês do Lago do Breu. A Besta brame nas bocas mais próximas do lugar onde os anzóis a fisgaram. E, aos poucos, esmorece. Murcham tentáculos, pendem braços, cerram-se olhos, comprimem-se lábios.

— Vês? — clama Ninurta entusiástico, sob o aplauso dos conselheiros e restante tripulação. — Vês como tratamos os nossos estimados abissais? Está a dormir, parcialmente paralisado...

O corpo da Besta deixou-se descair. Já não é falésia, mas apenas uma ilha enorme a estender-se no negrume. As águas do Lago do Breu borbulham em volta.

— E agora... e agora...

Novo gesto, nova ordem. Uma vibração abafada agita as pranchas do solo.

Vindos dos costados do Barbatos, dez metros mais abaixo do castelo de proa, dois tubos translúcidos estendem-se em direção ao corpo. As extremidades terminam em agulha. Os tubos estão cheios de um qualquer fluido dourado. Cheios a rebentar, como se fossem pústulas. Fios de arame orientam-nos para as carnes quiescentes da Besta. Pouco depois ei-los cravados no corpo do Leviatã, a esvaziarem conteúdos.

Eduardo estremece, reprime um vômito, não quer acreditar, mas as verdades chegam sempre à superfície, quer nós queiramos quer não: Os tubos estão cheios de sangue. Sangue retirado da ferida peitoral do Arcanjo. Litros e litros, como se o derrame não tivesse fim. Sangue de uma criatura alegadamente divina a ser injetado no corpo de um monstro. A pureza prestes a infectar o horror.

O professor chega-se à amurada e olha para aquela ilha que não é ilha. Contempla a vastidão de carne que se estende até se perder nas sombras. Entretanto os dois tubos vibram, sempre a injetar pureza no abismo, como se não houvesse parança.

Tanto sangue assim? Hectolitros? E porque não? Durante meses e meses, sabe-se lá por quanto tempo, o Arcanjo foi sangrado gota a gota e o sangue recolhido em contentores até atingir os limites determinados por Ninurta. Até ser o suficiente para uma nova pescaria.

O Mestre aproxima-se de novo do professor, abraça-o pelas costas, viscoso quanto baste, louco de felicidade, e prossegue naquele tipo de arenga pedagógica que tão bem o caracteriza.

— O sangue puro de um membro das Hostes Divinas vai intoxicar a Besta. Ou fazer por isso, dado que o corpo dela lá terá as suas defesas. Percebes o que eu estou a dizer, querido Incrédulo? Ninguém aqui consegue assimilar a perfeição do Empíreo de mãos nuas. Nem pensar nisso. Mas podemos chegar a ela por portas travessas, usando intermediários... Como um Leviatã. Fundo, fundo, no corpo da criatura adormecida, há neste momento glândulas a depurar os fluidos tóxicos de um Arcanjo. São apenas duas ou três, muito bem escondidas, não muitas, como podes verificar, mas suficientes para os nossos desígnios. Quem vai ganhar? Surpresa, surpresa. Temos cerca de duas horas, de tempo contado. Duas

horas até que ela se liberte das toxinas ou entregue a alegada alma ao Criador e volte a afundar-se no Abismo para vir a renascer daqui a mil anos ou qualquer coisa assim. Para o caso, tanto faz.

Até onde a vista alcança o corpo da Besta estremece num suave ondular. Impossível saber se sofre, ou se não faz a mais pequena ideia do que significa o sofrimento, se esta ondulação não passa de um mero reflexo galvânico.

Eduardo tem as pernas a tremer. Fixou as mãos na amurada com receio de não conseguir permanecer de pé. Metáforas, tudo são metáforas...

— Está a acontecer-lhe o mesmo que me aconteceu a mim... — diz, entre dois soluços de raiva. — Em vida, fui mordido por uma vespa, e...

— Exato, — gargalha Ninurta, a rir-se com a boca encostada ao pescoço de Eduardo. — Leviatã, a Besta, o Senhor dos Abismos, está a morrer de choque anafilático. Tal qual tu. Viva a irmandade dos danados!

— Viva! — clamam os conselheiros, logo seguidos pelas vozes roufenhas de Barzacon e Udolfo.

8.

Poucos minutos depois, estão os quatro reunidos num pequeno gabinete junto aos aposentos de Ninurta: Um museu de memorabiliae, ao que parece. Boiões de líquido conservante da cor da urina revelam formas inquietas. Formas esbatidas de criaturas que deveriam estar mortas, mas que estremecem ainda, docemente. As prateleiras estão abarrotadas de artefactos, joias, máscaras, lâminas, relógios, giroscópios, estatuetas, tiaras. Colados às paredes, existem mapas das diferentes zonas do Lago do Breu, divididos por níveis de profundidade e respectivas zonas ecológicas. De todos estes mapas, só um interessa: trata-se de um mapa composto de corredores convolutos como intestinos, salas, câmaras, poços, veios cromáticos, labirintos circulares. No centro do mapa, quase escondidas no meio de toda esta confusão topológica, existem três zonas marcadas a vermelho. É para elas que Ninurta está a apontar, pedagógico como sempre.

— A localização das glândulas varia, como sempre variou. Mas o Mapa sabe. O Mapa nunca me deixou ficar mal. Ei-las. Vinte metros de diâmetro, duas toneladas de massa. Unidas ao corpo da Besta por canais venosos de irrigação. Só uma está neste instante a purificar o sangue dourado. Uma apenas, e aqui estão três. O Mapa sabe, mas não sabe tudo. O resto não passa de uma simples questão de sorte. Por isso, meus caros, e estou a dirigir-me principalmente a ti, Incrédulo, que és novato nestas lides, quero que se equipem com o escafandro e o reciclador de ar,

que se armem com as lanças de recolha e, de sacos às costas, rapidamente e em força, desçam aos costados do Leviatã, bissectem as camadas adiposas, abram passagem, mergulhem fundo, dirijam-se a uma destas três glândulas, e cortem, cortem, encham os sacos com vinte e cinco quilos de carne reciclada.

Sim, Mestre, dizem Barzacon e Udolfo em uníssono.

Eduardo nada diz. Está transido de terror. Nem quer acreditar naquilo que lhe estão a pedir. Mergulhar fundo no corpo da Besta moribunda? Como é possível?

Ninurta abandona o mapa e passeia-se entre os três tripulantes. Já se desfez da máscara de corvo marinho que, nesse momento, repousa sobre a secretária.

— Vocês, caros Barzacon e Udolfo, já conhecem os protocolos de acesso. Mas o Incrédulo não. É para ele que estou a falar. Como é que vamos saber qual é o caminho correto, perguntas tu, ó Impronunciável. E eu respondo: muito simples. Porque vais levar às costas um demónio localizador, que sabe detetar os eflúvios das glândulas em causa. Ele vai conduzir-te, passo a passo, até à meta. Nada receies, o demónio alimenta-se apenas de umas gotículas do teu sangue, é um demónio prazenteiro e articulado, basta apenas respeitares as ordens e sugestões que ele te der. Entendido?

Sim, Mestre, respondem Barzacon e Udolfo, entusiásticos.

Eduardo limita-se a encolher os ombros. Que mais pode fazer? Qualquer resistência é inútil.

— Pois então todos de joelhos. Preparem-se. Baixem as nuças. Aaah, como eu gosto destes discretos momentos de intimidade.

De joelhos, de cabeça baixa, Eduardo mal consegue ver o que se passa em volta. Apenas passos, sons, ruídos de um bocal a ser desaparafusado. Não.

Estalidos. Sons de pinças a raspar contra as mãos enluvadas de Ninurta. Uma vozinha raivosa insiste que não gosta de ser perturbada, e Ninurta responde-lhe, comida, refeição, coisa boa.

A vozinha reduz-se ao silêncio. O professor treme. Desta vez treme de medo, não de frio. O Mestre aproximou-se dele pelas costas com

qualquer coisa a contorcer-se-lhe entre as mãos.

— Está quase, — diz-lhe, para o sossegar, — fecha os olhos, pensa na Rainha de Inglaterra ou coisa assim.

E depois vem a picada. Eduardo grita, pois há pinças a cravarem-se-lhe no pescoço. Pinças que pertencem a uma qualquer criatura parecida com um caranguejo que Ninurta retirou do boião de conserva. Algo um pouco maior do que a palma de uma mão aberta está agora colada ao seu pescoço, por ventosas e garras. A dor é súbita, mas desaparece logo de seguida. O demónio localizador instalou-se, e agora fala-lhe numa voz que parece a de uma criança:

Estimado utente, o meu nome é Lizzy Op. Hum... miam, o teu sangue sabe bem. Há nele um travo de... inocência, castidade? Deixa-me prová-lo um pouco mais... Sim, até ao momento pouco se corrompeu, mal consigo detetar a essência do mal, embora haja nele um resquício de crueldade incipiente... ou quiçá de amargura, perante a sorte malvada que te trouxe a este mundo, aqui para nós sabe a...

— Pára! — grita Eduardo procurando levantar-se, chegar com as mãos ao pescoço, terminar de uma vez por todas com a loquacidade do parasita, mas todos os esforços acabam por ser suprimidos por uma valente sapatada vinda da parte de Ninurta.

— Nada de danificar o processo de instalação, que raio, vocês parecem todos virgens históricas.

De joelhos, o professor submete-se, pois não há nada a fazer.

Mas em seguida Ninurta já está a puxá-lo por um braço enquanto que, com um simples gesto, indica que os seus companheiros também se devem levantar.

— Mil desculpas pelo susto, querido Incrédulo. Como se costuma dizer, a primeira vez é sempre a mais dolorosa. Pronto, pronto, já passou. Lizzy é uma boa e diligente menina. Está aqui para te ajudar, apenas...

Corpo contra corpo, acrescenta o localizador. Aposto, agora que mais ninguém nos ouve, que este vai ser o início de uma grande amizade...

Eduardo conseguiu enfim pôr-se de pé e não quer saber de mais nada. Entretanto, a dor da primeira picada esbateu-se. Resta apenas

uma vaga sensação de frio, como se lhe tivessem colado um cubo de gelo na zona da nuca.

Ninurta abre os braços, e enxota os três subordinados da quietude do escritório. Sobre a secretária, ao lado da máscara de corvo marinho, ficaram alguns boiões vazios.

Do outro lado, quase porta contra porta, eis um novo vestiário. Pendurados num roupeiro que preenche uma parede inteira, podem ver-se vários escafandros munidos de um capacete integrado de osso, uma reduzida viseira de mica, e um filtro peitoral em forma de fole. As costas, junto ao fecho adesivo, possuem todas uma convexidade, talvez para proteger a diminuta massa do demónio localizador.

Eduardo não sabe como vestir a traquitana, mas imita os outros o melhor que pode. Lizzy suspira-lhe algumas indicações sobre o bom uso do escafandro e pica-o quando o professor comete um erro ou começa a atrasar-se em relação aos seus companheiros.

E assim, vestidos, aprumados, com os foles dos peitos a inchar e a comprimir, as três vítimas sacrificiais perfilam-se perante a presença de Ninurta, o Mestre.

— Ora muito bem, — diz este de olhos brilhantes e com um fiozito excitado de saliva a espreguiçar-lhe pela extremidade dos lábios. — Aqui estão os meus meninos... preparados para dar início à aventura? Sacolas ao ombro onde vai ser recolhido o espólio? Então, Impronunciável, então? Achas que consegues talhar a carne da Besta de mãos nuas? Pega já nessa lança bisturi. Essa mesma, sim, aí ao teu lado, como já fizeram os teus bons amigos. Vês como é curva, acerada? Não achas que é uma bela arma de morte? Pois serve para talhar caminho na carne complacente da Besta. Serve para te defender de perigos vários, sejam eles parasitas ou leucócitos. E para cortar nas nervuras da glândula filtrante...

— E se... — exige Eduardo a medo, embora já saiba qual é a resposta correta, que Lizzy lhe sussurrou ao ouvido. — Se... a minha glândula for uma das falsas? Se não for essa, aquela que está a filtrar o sangue do Arcanjo, que vai acontecer-me?

Barzacon e Udolfo gargalham baixinho, sob a proteção do escafandro, cuja viseira ainda permanece aberta. Gozem, gozem, pensa o professor. Vejam se me ralo.

Ninurta bate as palmas. Uma nuvenzinha de pó de talco escapa-se de entre os dedos enluvados.

— Excelente questão, a tua. E atempada. Mas em boa verdade não tens nada com que te preocupar... Lizzy é um demónio sob contrato. Se a glândula for a incorrecta, se não houver nada a tirar dela, então, e só então, ela poderá terminar com a tua triste existência neste plano, com uma simples picada de toxinas. Uma morte doce, tão doce quanto a podemos conceber. E depois, quem sabe?, uma provável ressurreição noutra lugar, nos quintos dos Infernos, muito e muito longe daqui. Uma picadela apenas, como a da tua vespa. Estamos explicados?

Eduardo encolhe os ombros. A banalidade do mal é, ao fim e ao cabo, banal...

— Pronto! Então, já que estamos entendidos, rumo ao convés, à passadeira, ao dorso da Besta, ao corte e costura, à recolha, rumo à Glória ou, quiçá, a um novo estádio de sofrimento e dor. Vamos, vamos que se faz tarde e Leviatã não espera por ninguém.

E lá seguem eles, os caçadores, acompanhados por Ninurta, corredor fora, através de uma discreta escadaria, para longe do castelo de proa e dos seus segredos, rumo ao convés onde toda a tripulação do Barbatos, engenheiros, marujos, Conselheiros e catamitas esperam por eles em sentido, a agitar bandeirolas com os códigos de cor inscritos nos três capacetes, como se já tivessem apostado quem vai viver e morrer, quem vai ficar prisioneiro da Besta quando esta der o mergulho final no Abismo. Eduardo não se espanta mesmo nada que não haja quase ninguém a escolhê-lo, pois é característico de qualquer narrativa, recente ou ancestral, que é sempre o novato a morder o pó.

A bombordo, a amurada abriu-se de par em par. Uma vasta rampa Imperial inclina-se agora em direcção ao corpo tremelicante da Besta. O ar em volta fede a lodo e a ferro. Soam trompas em despedida. A tripulação bate palmas em saudação. Lizzy diz-lhe: fecha a viseira.

Carrega no manípulo esquerdo junto ao cinto para ligares o reciclador. Preparado? Em frente, rampa abaixo até poisares na Besta. E depois, ó meu prato preferido, pé ante pé sobre essa ilha de carne, até que eu te diga alto!, e agora cava!

Eduardo cerra a viseira de mica, carrega no manípulo indicado, ouve zumbidos e estalidos provenientes de um motor que se ativou, os foles que lhe encham o peito começam a insuflar-se, a comprimir ar, o interior do escafandro fede ao corpo de quem o utilizou pela última vez, Brazacon e Udolfo acenam-lhe com as lanças erguidas em despedida e, nos minutos seguintes, lá está ele a descer, quase a escorregar no visco oleoso da rampa, não rumo ao marulhar oleoso do Lago do Breu, mas sim em direcção ao corpo imenso do Leviatã que se estende no negrume a perder de vista, como se fosse uma ilha em agonia, ou talvez mesmo um continente.

9.

A primeira coisa que Lizzy lhe diz mal Eduardo poisa as botas sobre o dorso da criatura, é que deve afastar-se dos companheiros. Cada um deve seguir o seu caminho, deixar que os respetivos demónios façam as suas escolhas. Sejam elas as corretas ou não.

O professor caminha a custo sobre um solo elástico, por vezes rígido como o alcatrão seco, outras mole como neve apodrecida, outras quebradiço como a superfície gelada de um lago. A pele do Leviatã estala-lhe sob as botas. A pele borbulha aqui e ali, rasga-se em pequenas pústulas de onde jorra um pus esverdeado. Pequenas criaturas multipédicas fogem em debandada. Outras agonizam já, em contacto com a atmosfera, de patas para o ar como baratas tontas.

Eduardo arrasta-se num mundo incompreensível, pois acabou de descobrir que está nesse momento a pisar o cristalino de um olho maior do que uma cratera de vinte metros. O olho ignora-o, fixo nas alturas e naquele resplendor que verte da abertura que conduz ao alegado Céu. Deixa o olho em paz, diz-lhe Lizzy. Acesso incorreto. Mais para a direita, vês? Aquela floresta de pelos, sim, sim, por aí mesmo...

O professor caminha aos tropeções. Por vezes o solo ondula num tremor muscular. Aqui e ali, recolhidas em algumas das concavidades, feridas, crateras, vá-se lá saber, subsistem poças de água provenientes do Lago do Breu. No interior das poças, pode ainda ver-se um minúsculo, mas entusiástico, fervilhar de vida marinha. São ecossistemas a con-

sumir outros ecossistemas. Divertido e pedagógico, pensa Eduardo. A estética da náusea. O proverbial body horror. Banal, banal, banal...

E Lizzy volta a picá-lo, para que se despache, porque o tempo e as marés não esperam por ninguém. De facto, não vale a pena deter-se. O dorso do Leviatã resiste a todas as epistemologias, nega a lógica do mundo racional. Nem com a suspensão da descrença Eduardo consegue chegar lá. Não é para entender. Apenas para aceitar.

O professor atravessa uma floresta de folículos, uns rígidos, outros quase murchos, a fenecer. Aqui e ali, esticam-se no ar braços engelhados do tamanho de sequoias. Um tentáculo fino e elástico, aproxima-se dele, cheira-lhe as botas e, depois, volta a esconder-se sob um opérculo, como se o corpo de Eduardo não lhe interessasse, como se o tecido de que é feito o escafandro fosse da mesma natureza da Besta.

Durante alguns segundos Eduardo resolveu parar, olhar para trás, mas Brazacan e Udolfo desapareceram no lusco-fusco, nada mais se avista além da estrutura iluminada do Barbatos lá muito ao longe, quase escondido pela curva do horizonte. À sua volta, existe apenas a vastidão de um corpo trémulo que se estende a perder de vista. E nesse corpo há braços que se agitam, desfiliados que se abrem e cerram como bocas recetivas ao beijo, olhos que piscam, luminosos, como se quisessem competir com o fulgor distante das Portas do Céu.

E por fim, porque todas as coisas terminam mais tarde ou mais cedo, Lizzy aponta-lhe um géiser que acabou de ejetar uma torrente de espuma, alta de vários metros. Ali, diz ela. Ali mesmo.

Eduardo aproxima-se do orifício que, entretanto, quase se fechou. O solo vibra, irritado. A mão direita aperta o cabo da lança bisturi. Rangem os foles do peito. Chapinham as botas nos viscos residuais. Que mais quer ela de mim? Que eu me lance aqui, de cabeça?

Sim, concorda Lizzy, salta a pés juntos antes da próxima emissão. Já. Já.

O orifício cravado na pele do Leviatã tem quatro metros de diâmetro. As bordas cartilaginosas parecem serrinhas, prontas a cortar quem por elas se roce. Lá no fundo, na escuridão, pode ouvir-se um gorgolejar de líquidos vários em ebulição. Mas de facto não existe outra entrada. Este

é um dos acessos possíveis ao interior da Besta. O caminho mais rápido para se chegar à desejada glândula. Eduardo cerra os lábios, cola a lança bisturi contra o peito, dobra os joelhos e salta!

O mergulho é rápido através de um canal fosforescente que aos poucos se contraí, talvez a preparar-se para uma nova ejeção de linfa, toxinas e ar contaminado. O professor afunda-se neste horror carniforme, de boca aberta num quase grito, as paredes do canal esfregam-se-lhe contra o escafandro num esforço para rejeitar este corpo estranho que entrou onde não devia, mas o peso do seu corpo nega tudo, a força da gravidade é maior do que as contrações musculares da criatura, e assim vai descendo, primeiro na vertical, com os tacões das botas a rasgar tecidos mais delicados, depois para o lado, num declive que aos poucos se suaviza, até cair de borco num lago túrgido e borbulhante, felizmente não muito profundo.

Rápido, para a margem, meu saboroso companheiro. Rápido, antes que os ventos respiratórios voltem a operar.

Eduardo obedece a custo, estatela-se de cabeça umas duas vezes, porque as botas se enredarem num qualquer tipo de filamentos, algas, ou talvez mesmo parasitas que parecem encher o fundo do lago. A mica do visor fica coberta de um qualquer fluido que custa a limpar, mesmo que Eduardo o raspe com as costas das luvas. Levanta-se, cai, volta a levantar-se, entre gritos e imprecações do demónio localizador que insiste em acusá-lo da mais absoluta das inépcias. O professor não liga, já está farto, Lizzy canta bem, mas não o alegra. De todo.

Por fim, colado às paredes da câmara côncava, trilhada de veios luminescentes, Eduardo esforça-se por se agarrar a uma qualquer excrescência de modo a não ser sugado de volta no remoinho de ar que, entretanto, se formou. O remoinho suga as águas, fá-las erguerem-se num microtornado, o estrondo lembra um arrote telúrico em vias de erupção, e tudo o que havia no lago começa a subir em furioso rodopio, alto, alto, pelo canal que trouxe Eduardo até aqui.

Depois da expulsão, chega o silêncio. Silêncio que não é total, pois as paredes vibram quase ao ponto da rutura, os opérculos por onde corre o

ar estalam, de novo cerrados, outros entretanto se abriram prestes a soprar novos vendavais, luzeiros que se acendem como condutas elétricas à beira de um curto-circuito final.

Ali, indica Lizzy, isso mesmo. Levanta o bisturi, rasga-me essa parede de aspecto mais frágil, força, que raio, força, corta a fundo, pois há um caminho aberto do outro lado. Entra, entra, antes que a ferida cicatrize. Leviatã pode estar a morrer, mas há sistemas de manutenção que ainda funcionam. Anticorpos foram avisados da tua inócua presença. Rápido, antes que eles cheguem!

Rápido, é bom de dizer. Eduardo está neste momento a atravessar uma fissura gordurosa, rumo a um veio onde pulsa um líquido amarelado. Um veio? Melhor dizer uma veia.

O coração de Eduardo bate a compasso. Os foles do reciclador abrem-se e fecham-se. Regressa a náusea. Não há saída por aqui. Lizzy enganou-se de certeza. Não há saída porque a veia bloqueia a passagem. Uma veia que tem a dimensão de um túnel de Metro.

A não ser...

Como seria de esperar, como se todos os pesadelos do professor estivessem a realizar-se, Lizzy explica-lhe, num íntimo murmúrio:

Eis o caminho correto de acesso à glândula. Um acesso rápido neste labirinto vascular. Corta a fundo, meu querido. Bissecta a veia, espera que esta se esvazie, que o sistema bloqueie temporariamente a corrente sanguínea, e depois entra no nosso tubo de transporte rápido. Vês? Nada mais fácil...

E Eduardo, porque não pode fazer outra coisa, de lança alçada, corta. Corta a túnica adventícia, o músculo liso, o endotélio, até a ferida ficar aberta numa cesura vertical e o escafandro ser banhado por um esguicho de sangue gelado sob pressão. A força do impacto projeta-o contra a gelatina das paredes. Lizzy solta um guinchinho entusiástico. O professor desliza parede abaixo, assenta o rabo no chão, cobre o capacete e o visor com as luvas abertas e fica ali sentado, à espera que cesse o tormento.

Por fim o sangue deixa de correr, decerto porque, um pouco mais acima, se fechou uma das válvulas de segurança. As paredes da veia co-

meçam logo de seguida a mirrar como flores murchas. Mesmo assim, as extremidades do corte estão de novo a fechar-se como quem corre um fecho éclair. O tempo é curto, ou de uma interminável duração subjetiva. Para o professor, vem tudo a dar no mesmo.

Rápido, exige Lizzy. Entra agora, agora, antes que a veia cicatrize. Isso. Primeiro um pé, depois o outro. Agora encolhe-te, abraça os joelhos, dobra a cabeça, poisa a lança, mas não a largues, isto é coisa para um minuto ou dois, uma experiência magnífica, vais ver...

Eduardo treme, enquanto espera. Entretanto o corte na veia fechou-se, esta encheu-se de uma bolha de ar residual, as paredes internas esticaram-se como as de um balão insuflado, quase ao ponto de uma nova rutura. E por fim o estrondo chega, inevitável. O som de uma torrente fortíssima, à qual abriram as comportas. O sangue do Leviatã molha-lhe o rabo, as botas e depois o corpo inteiro. Ei-lo submerso no meio de dezenas de bolhinhas gasosas, agredido por plaquetas e glóbulos brancos maiores do que uma mão aberta. Quase sem se dar conta, começa a deslizar no sentido da corrente, aos baques e trambolhões, cada vez mais rápido, simples trombo rumo a uma embolia inevitável.

Eduardo grita, soluça, acelera no interior da veia rumo a um dos múltiplos corações da Besta. Mergulha nas profundezas de um túnel que parece nunca mais ter fim, enquanto Lizzy trina de felicidade. Atravessa zonas obscuras, negras como o breu, outras brilhantemente iluminadas pelo cintilar de uma flora parasita. Tudo isto passa num corrúpio de imagens mal percebidas. Por vezes quase desmaia, vítima de uma velocidade terminal. Pensa, vagamente, que o melhor seria morrer e ir parar a outro lado, bem longe do Barbato e de todo este horror que se eterniza. E depois arrepende-se, pois sabe bem que nada neste Inferno onde acordou tem tendência a melhorar. De mal a pior, como se costuma dizer. Da frigideira para o lume.

Quando a veia desagua no interior do coração morto, o choque chega sem aviso. Eduardo é projetado no ar, dá uma ou duas cambalhotas quase fatais, bate de frente contra as paredes putrescentes que lhe absorvem o choque, escorrega por elas rumo a um lago de sangue coagulado que

já não tem para onde ir. Os músculos cardíacos estremecem, procuram expulsar este novo coágulo, mas a verdade é que o interior do coração está vazio, por aqui já nada passa, não há oxigenação possível, este órgão está morto há uma eternidade, e nada faz para purificar o sangue que por erro chega até ele.

Chegámos, estimado parceiro. Chegámos a bom porto e sem danos de maior. Mas olha que o tempo continua a contar, resta-nos apenas meia hora para concluir o serviço antes que Leviatã morra ou se desfaça das toxinas que lhe injetámos. Vamos, vamos, vamos. De lança em riste, num valoroso exercício de corte e costura. A glândula está mesmo do outro lado dessa parede aí em frente.

Resignado, Eduardo ergue a lança e corta a fundo. Para cima e para baixo, como um mineiro a abrir caminho através de um túnel de carne mole. Corta o pericárdio seroso, afasta para o lado gorduras e tecidos musculares, visco e sangue gelido escorrem-lhe pelas costas do escafandro, os foles do peito arfam com o esforço, a luminosidade ambiente decresce para logo voltar a aumentar assim que o professor abandona de vez a massa moribunda do coração.

Depois disso, basta um pequeno salto para poisar as botas na sala onde pulsa a glândula. Esta tem o tamanho da nave de uma catedral, rodeada por arcadas de osso, sustentada por colunas de cartilagem, sólidas como peças de mármore. Cortinas de vegetação púrpura colam-se às paredes distantes. Está quente, aqui, uma temperatura bem superior à frigidez constante que impera no corpo da Besta.

Espalhadas pelo chão, milhares de pequenas criaturas piscam fieiras de olhos para ver o que se passa em volta. Umas possuem pinças e lâminas, outras meros nematocistos erguidos ao alto, a ondular numa brisa que não existe. Parecem perturbadas perante uma ameaça invisível. Decerto detetaram a presença de um intruso, mas o tecido exterior do escafandro escondeu-lhes a verdadeira natureza da entidade invasora. Passar por elas sem lhes tocar, vai ser o cabo dos trabalhos, pensa Eduardo. E, como se isso não bastasse, uma vaga neblina que tudo obnubila, percorre o solo e escoia-se na distância.

Avança com cuidado. Não as pises, não as irrites. Fazem parte do sistema imunitário da Besta, mas aqui, neste lugar de reciclagem, estão todas doentes e infetadas pelas supurações tóxicas da glândula. Mesmo assim, se o teu escafandro se rasgar, se elas conseguirem cheirar-te...

Eduardo não tuge nem muge, completamente paralisado pela visão daquela coisa gigantesca que espera por ele no centro geométrico da nave. À primeira vista parece uma bolha de pus dourado, com um diâmetro de vinte metros, suspensa sobre a arcada óssea do teto por milhares e milhares de fibrilas nervosas. A glândula pulsa, pulsa, num bombear constante. No interior, através da pele, rodopiam líquidos brilhantes como um tição de ouro.

Esta é apenas uma simples visão do conjunto: Algo imenso, incompreensível e, de momento, em furiosa atividade de reciclagem.

Eduardo engole em seco quando começa a notar mais uns quantos pormenores. Há canais filamentosos, aferentes e eferentes, distribuídos por toda a curvatura daquela coisa, canais que levam até ela um líquido dourado, fulgurante, outros que expulsam um fluido açucarado, submisso, da cor do mel. A glândula parece ser constituída, pelo menos nas partes exteriores por milhares de folhos comprimidos, expandidos, enrodilhados uns nos outros, uns que se espremem, outros que se dilatam, outros que incham quase ao ponto da explosão, para logo se esvaziarem quando o fluido que estão a filtrar passou para outra zona de atividade.

O professor estremece, finca as mãos na lança, escuta os sons de compressão e descompressão da glândula, sons esforçados de quem está a dedicar todas as suas forças à purificação de um veneno mortal. Pelas frinchas abertas nas costuras do escafandro, insidioso como só a pureza do Belo pode ser, começa a penetrar um vago perfume de rosas, algo terrível que desperta memórias suprimidas como quem devorou em segredo mil madalenas.

E só então compreende que ganhou, que entre as três glândulas perdidas no interior da massa monumental do Leviatã, esta era a escolha correta. Barzacon e Udolfo falharam e vão agora sofrer uma morte vergonhosa nas trevas gástricas da Besta. Bem feito para eles. Trémulo,

Eduardo aguarda que Lizzy confirme as suas expectativas.

Ups, diz Lizzy numa voz triste e carinhosa. Tenho boas e más notícias. Quais queres ouvir primeiro?

— O quê? Como assim? Quais notícias? — Grita o professor, à beira do desatino.

Não sejas desmancha prazeres. Não te faças de sonso. Como se não soubesses... Pronto, pronto. Eu digo. Começemos pelas boas. Barzacon acabou de chegar à glândula errada. Ali não encontrou nenhum processo de filtragem, só negrume e escuridão... Dolly, a minha companheira de infortúnio, aquela que em má hora se associou ao teu companheiro, acabou neste preciso instante de praticar um suicídio gnóstico. Adeus, Barzacon, adeus Dolly, adeus irrequieta Felicidade. E sim, meu estimado amigo, esta é a glândula que Ninurta procurava, aquela que nos vai fazer ficar ricos, aquela que está neste instante a filtrar o sangue do Arcanjo. Parabéns. E parabéns a mim, que até ela te conduzi. Mas... há sempre um “mas” em todas estas patéticas aventuras, qualquer coisa correu mal, foi cometido um erro, daquele tipo de erros que só acontecem por acaso uma vez num milhar de anos, ou várias vezes se houver sabotagem intencional, como receio que seja o caso...

Eduardo não consegue suportar mais a angústia da espera. Bate com a bota no solo, aborrecendo os anticorpos mais próximos.

— Mas que erro foi esse? O que queres tu dizer, Lizzy?

Ah, pequenote, o problema está na figura do nosso amigo Udolfo, percebes? Acontece que ele se perdeu, se transviou, até conseguir encontrar o caminho correto. Deixou uma glândula e escolheu outra. Como sabes, só existem três. Esta, e outras duas, inoperantes, infelizmente. E Udolfo também encontrou a glândula correta. Dorothy não o matou. Udolfo está vivo e entre nós. Percebeste?

— Não! — grita Eduardo. — Não percebi nada de nada!

Estamos a fazer-nos de desentendidos? Não custa perceber, pois não?, prossegue o demónio numa vozinha cada vez mais cruel. Volto a repetir: Udolfo encontrou a glândula correta. Esta. A tua. Está aqui connosco, nesta nave, por engano ou por maleficência de quem manda. Como deve

estar divertido Ninurta, o nosso Mestre. Porque... como bem sabemos, só um de vós vai poder regressar à superfície...

— Udolfo... aqui? Connosco?

Precisamente. Do outro lado da glândula, escondido nas sombras, o ardiloso malvado, visto que chegou por outros caminhos. À tua espera, de lança em riste. Afinal, como diz o ditado, só pode haver um. Se quiseses sair daqui com vida, vais ter de o despachar com o máximo de prejuízo.

— Não, — insiste Eduardo. — Já chega, é demais!

Sim! clama Lizzy, entusiástica, sim, sim, sim...

10.

Quase abafadas no constante restolhar de todas as bioformas espalhadas pelo solo, ouve-se agora um par de botas a calcar cartilagens. Uma voz aflautada cantarola através do osso do capacete e Eduardo escuta-a com toda a clareza, pois ela chega-lhe aos ouvidos através dos processos gnósticos de Lizzy, o demónio localizador.

Eu vou, eu vou trabalhar, eu vou...

A figura rotunda de Udolfo, o Inocente Sacrificado, ganha consistência. Deixou cair a sacola para que ambas as mãos pudessem segurar a lança bisturi, que logo se ergue à guisa de saudação.

Ora viva, quem é bem aparecido! Olá e adeus, Incrédulo companheiro. Vai morrer longe, sim? A glândula é minha, cheguei primeiro. Desaparece. Desampara-me a loja e essas coisas. Pede ao teu demónio que desligue o interruptor e me deixe trabalhar em paz.

Aos poucos, através da bruma que desliza e ascende em pequenos remoinhos de vapor, Udolfo vai-se tornando mais nítido. O escafandro do ex-companheiro perdeu parte da coloração, encontra-se agora carcomido como se o marujo tivesse passado por um banho cáustico de ácido. Parte do capacete apresenta pequenas rachas, finas como os filamentos de uma teia de aranha. Uma das botas arrasta-se pelo solo, sinal que houve lesões graves na articulação do tornozelo, mas nada que o fizesse perder a funcionalidade. Udolfo está ali para ficar. Aos tombos, mais mal do que bem, aproxima-se de Eduardo de lança em riste. E o profes-

sor recua três passos, porque em toda a sua vida na Terra nunca praticou qualquer ato de substancial violência.

Olá Dorothy, cicia Lizzy, indiferente ao que está prestes a acontecer.

Olá Lizzy, replica Dorothy. Há quanto tempo e essas coisas...

— Udolfo, escuta, enganaram-nos, traíram-nos, Ninurta ou alguém da sua claque fez isto só para gozar connosco. Para ganhar aquilo que apostaram sobre as nossas vidas. Podemos dar-lhes a volta, se quiseres. Não é preciso que as coisas terminem mal. Que tal se dividíssemos o espólio? Vinte e cinco quilos da glândula para cada um, é fazível e prático, só temos de colaborar...

O escafandro de Udolfo faz finca pé apenas a seis metros de distância de Eduardo. A lança rodopia-lhe na mão direita num suave zunzun. A toda a volta os anticorpos estridulam e raspam quelíceras umas nas outras. Sentem sons estranhos, mas ainda não conseguiram perceber do que se trata.

Parvo, triste idiota, porque julgas tu que só podem regressar à base vinte e cinco quilos de carne fresca? choraminga Udolfo numa voz de criança. Muito simplesmente porque se houver mais carne disponível o valor da mercadoria baixa, entendido? Além disso, a lógica interna deste mundo não permite outra coisa. Tem de ser troca por troca. Quilo por quilo. Os pactos são para cumprir.

— Udolfo, o Leviatã está a morrer, não está? — implora Eduardo em desespero de causa, sem saber que mais argumentos utilizar. — Em breve vai afundar-se. Que importam os pactos que fizemos com a Besta? Vai mergulhar no Abismo e nós com ela. Escuta, diz não àquela cambada do Barbatos. Anda, colabora comigo. Vamos instituir um ato de bondade no coração do mal... Vamos mostrar-lhes quem manda!

Udolfo solta um risinho aflautado e avança mais dois passos. Um véu de bruma escorre-lhe pelo corpo. Lá em cima, ainda suspensa, a glândula fulge como um candelabro.

Pensas que a Bondade triunfa onde antes só existia o Mal? Lembras-te do que disse Barzacon? Sabes porque é que estou aqui? Porque o meu pai me matou para garantir que eu chegasse ao Céu. Impronunciável,

os meus desejos são muito mais simples. Quero apenas um lugar à mesa de Ninurta. O acesso à Refeição Perfeita. Ao êxtase efêmero de um sabor único. Só isso e nada mais. Não podes impedir-me, já sofri demais. Morre, Incrédulo, morre porque desdenhaste a existência do Empíreo...

Udolfo ataca e Eduardo defende-se, pela primeira vez na vida, sabendo que está perante um perigo de morte. As duas lanças cruzam-se e chispam. Lizzy e Dorothy gritam invetivas de combate, cada uma delas no seu devido posto. Eduardo defende-se, cada vez mais raivoso. Percebeu, enfim, que a Piedade, o Amor, a Compaixão, são coisas que não existem aqui, nos Quintos dos Infernos, no interior de um monstro que agoniza. Eduardo recua, avança, desvia-se dos golpes atabalhoados de Udolfo e, aos poucos, compreende que o seu opositor está deveras magoado, que lhe custa apoiar o pé direito, que o peso exagerado do corpo tornou as suas investidas cada vez mais lentas. E o ódio cresce no coração do professor, como é hábito acontecer em ocasiões como esta. Lembra-se das reguadas pedagógicas nas carteiras da Escola Primária. Das caroladas vindas dos colegas mais velhos. Dos estalos paternos. Dos comentários trocistas dos alunos indiferentes. Lembra-se de tudo o que teve de suportar durante anos e anos, calado e submisso, e agora não consegue aguentar mais. Odiar é tão bom... o gozo é tanto, que...

Agora! Diz-lhe Lizzy ao ouvido num suspiro de prazer e sedução. Agora, agora, agora... fura-lhe os foles do peito!

E Eduardo investe, no preciso momento em que Udolfo pisou sem querer uma das criaturas que preenchem o solo. Confuso, o ex-companheiro abriu os braços para se equilibrar, deixando os mecanismos do tronco acessíveis ao golpe. O professor não espera que este se reequilibre. As cortesias entre inimigos pertencem apenas aos cavalheiros. Eduardo não é cavalheiro. Longe disso. Eduardo é uma vítima que escolheu ser carrasco.

A lança bisturi crava-se bem fundo no peito de Udolfo. Trespasa de um lado ao outro os foles que desde logo deixam de reciclar o ar. Um esguicho de vapor e oxigénio escapa-se pela fenda assim aberta.

Udolfo recua, com um gritinho irritado de surpresa. A mão esquerda

procura cerrar a fissura que se abriu no escafandro. Pobre criança, como se isso pudesse servir de qualquer coisa... Logo que o sistema imunológico do Leviatã é ativado, não há como escapar-lhe. A atmosfera exterior insinuou-se através do corte nos foles, o ar que havia no interior silva em baforadas, para logo ser detetado por todos os anticorpos que, ainda há pouco, pachorrentamente, esperavam a presença de um inimigo até ali invisível. Pinças, tentáculos, garras, ventosas, mandíbulas estalam como matracas. De um momento para o outro, como um interruptor acabado de ligar, toda a fauna quiescente e dispersa pelo solo, se activa, se vira na direção do intruso e, aos saltos, em sinuosa reptação, em múltiplas contorções de corpos articulados, num frenético adejar de asas, ou em saltos espasmódicos como as patinhas traseiras de uma pulga gigante, cerca Udolfo, salta-lhe para as costas, enfia-se pela fenda rasgada nos foles, e rasga, corta, morde, macera...

A forma bulbosa de Udolfo arrasta-se, avança a custo e a esbracejar sem nenhuma direção definida, abre os braços, geme, pede que Eduardo o ajude, implora misericórdia, insiste em que não fez por mal, procura enxotar os assaltantes com a lança bisturi, mas, quase de um momento para o outro, todo o escafandro ficou coberto por uma massa que pesa dezenas e dezenas de quilos, massa que o faz tombar de joelhos. Udolfo deixa-se cair ao comprido e ali fica, a estremecer.

Entretanto Eduardo recuou, nauseado. Afastou-se o mais possível deste ato frenético de devoração, até bater de costas contra a cartilagem de um dos pilares da catedral. Ui, queixa-se Lizzy. Cautela. Olha que eu estou aqui atrás. Não sejas bruto.

Os gemidos distantes do ex-companheiro soam cada vez mais abafados até se perderem no meio dos entusiásticos estalidos da horda de anticorpos. Por favor, pede Eduardo, a ranger os dentes, que isto acabe, de uma vez por todas!

E por fim, quase à guisa de resposta, soa um discreto ploc de coisas que se rasgam. Algo colado às costas de Udolfo deu de si, à força de tantas dentadas. As criaturas que o cobriam começam desde logo a chamuscar, depois a arder em fogachos multicores. Derretem-se tentá-

culos, pinças e manábulas. Num só instante, Udolfo e os seus agressores transformaram-se numa esfera de luz, cáustica e ardente. E esta bolha de fúria térmica, não se deixa ficar por ali. Onde quer que tenha assentado, está agora a dissolver as fibrilas entrelaçadas do solo, como se quisesse escavar uma passagem até ao fundo dos fundos do Leviatã.

— O que foi? — berra Eduardo, em pleno desatino. — Que vem a ser isto agora?

Um simples meltdown. Um Chernobyl orgânico, para sermos mais precisos. Recua, meu caro, recua mais uns passitos. Deixa-os arder sossegados. Não te aproximes mais. A bolsa de recurso que Udolfo trazia às costas rasgou-se, o sangue puro do Arcanjo está a infetar toda a biosfera local. São coisas que acontecem...

Como por milagre, um daqueles discretos milagres feitos de horror, o solo da catedral de osso ficou livre de todas as criaturas que ali tinham sido postas para defender a integridade da glândula. Tudo o que era vivo, Udolfo incluído, está neste preciso momento a escavar um túnel ardente através do corpo da Besta.

O caminho ficou livre de mais entraves.

Adeus, Lizzy, chega-lhe aos ouvidos uma vozinha vinda do exterior. Eis-me de partida...

Até sempre, Dorothy, responde Lizzy, sempre prazenteira. Até à eclosão da próxima postura.

Eduardo soluça. Pela primeira vez na vida (ou na morte) foi responsável pela morte de alguém. Por sua culpa Udolfo morreu. Um inocente. Uma criança. Uma vítima. Por outro lado... por outro lado aquele estafermo, aquele puto ranhoso, queria dar cabo de mim, sem contemplanções, limpar o sarampo ao palerma do novato! E ficar a rir-se, ainda por cima. O professor suspira. Bem lhe disseram que não pode haver empatia no Lago do Breu. E o Céu continua, como de costume, indiferente à banalidade do Mal.

Estimado utente, cicia Lizzy. Peço mil desculpas por interromper este teu acto de inútil contrição, mas a verdade é que ainda não terminámos aquilo que viemos aqui fazer. Ou seja, ainda falta cortar a pro-

verbial libra de carne daquela sublime e monumental glândula. Por isso, sacola aberta, lâmina em riste, que se faz tarde e o tempo e as marés não esperam por ninguém.

O professor abana a cabeça. Pela segunda vez praticou um ato condenável. Pela segunda vez passou na prova. Falta apenas mais uma para garantir o seu lugar entre os perdidos. Sendo assim, que se vão todos danar, se é que não se danaram já.

De súbito, a catedral inteira vibra, num súbito estrondo. Ouve-se à distância um ronco de gases sob pressão. Estremecem as arcadas de osso, quebram-se algumas das colunas de apoio. Cinco dos filamentos que sustentam a glândula soltam-se das paredes, e a massa bulbosa descai, quase ao ponto de se esmagar no solo. Leviatã não está contente. Agoniza. E só então Eduardo percebe que não quer afundar-se com ele. Quer viver. Quer ser uma figura atuante entre a tripulação do Barbatos. De momento, não deseja outra coisa senão voltar a enfrentar Ninurta, de olhos nos olhos.

Resignado, ergue a lança, abre a sacola.

E corta. Corta a fundo na carne da glândula, separa lasca após lasca, agarra com as mãos enluvadas os pedaços que deixou cair no chão, espreme-os entre as luvas, sente de novo um vago perfume a rosas e a erva fresca, enfia na sacola aquilo que desbastou, num processo lento, metódico, aparentemente interminável, enquanto à sua volta Leviatã desperta da agonia tóxica como quem se arranca a um sonho mau, para logo perceber que está à beira da morte. Pouco falta, pouco falta...

Enquanto o professor vai desbastando aqueles pedaços de carne que deveriam filtrar as toxinas do Arcanjo, não consegue esquecer-se do desperdício, da absoluta crueldade deste ato ignóbil, pois como pode ser possível destruir algo tão imenso como esta Besta, apenas para retirar dela vinte e cinco quilos de...

Rápido rápido, rápido, insiste Lizzy quase a perder a calma. Olha que...

— Não chateies! — replica Eduardo. — Tudo o que é demais...

Não é preciso sermos mal-educados, que raio... só estou a pensar no teu bem...

O professor encolhe os ombros e corta até a sacola ficar cheia. Cheia com vinte e cinco quilos de carne fresca (ou requentada). Lizzy explica-lhe como a deve prender aos ombros, que correias apertar e, ao fazê-lo, Eduardo espanta-se de conseguir suportar sem grande esforço todo este peso supurante. Decerto a fisiologia do corpo que adquiriu ao materializar-se no Barbatos, é diferente do original, aquele onde viveu uma existência inteira. Se possuísse um corpo assim, ainda em vida, não teria havido abusos da parte dos outros, isso de certeza. Conclui que a Bondade não existe, não passa de uma ficção. Só a força impera, tanto em vida como na morte.

Por fim, depois de minutos e minutos em piloto automático, prisioneiro de uma catedral que se vai desconjuntando, já com a sacola às costas, mas sem saber para onde ir, Eduardo pergunta:

— E agora?

Ah, agora já vens ter comigo com falinhas mansas? Agora já conversamos? Pois bem: os teus interesses também são os meus, no fim de contas. O importante é regressar ao Barbatos por caminhos expeditos. Ao fim e ao cabo, nada é mais fácil. Não sei se já reparaste, mas tens, tal como Udolfo tinha, um pequeno tanque de sangue arcânjico colado às costas do escafandro, localizado um pouco mais abaixo do lugar onde estou incrustada. Quatro litros de divindade, é quanto basta, acho eu. Ninurta não aprecia desperdícios desnecessários. Sim? Ora bem. Fica sabendo que desse discreto recipiente brotam dois tubos que vão dar à base dos teus pulsos. Vês? Compreendes agora porque Udolfo explodiu? Finalmente tudo o que está escondido aos poucos se revela. E as borrachinhas? Já deste com elas? Puxa. Isso mesmo, uma para cada mão. E agora comprime, comprime, comprime, faz a devida pressão até que brote o jacto. Eh lá... não exageres... temos de ser poupados se quisermos sair daqui.

O sangue do Arcanjo esguicha entre os pulsos de professor, sobe numa curva suave, até ir bater contra o entrelaçado do solo onde fica a borbulhar como se fosse um ácido. Em boa verdade, tudo onde o sangue tocou se dissolveu numa contração agónica. As carnes do Leviatã rasgam-se assim, de par em par, ao contacto com o Sublime.

Com toda a paciência que cabe aos demónios localizadores, Lizzy indica-lhe que zonas das paredes ele deve agora aspergir. Correcto, sempre para o alto num declive feito de rejeição e dor. Para cima, passo a passo, sem mais paranças ou inúteis demoras.

Quanto tempo durou este processo, esta escalada através de cavidades, corredores vasculares, cortinas de músculo e gordura, paredes ósseas, Eduardo não conseguirá nunca dizer. Só sabe que foi subindo, devagarinho, a projetar em volta respingos de ouro, enquanto Leviatã se preparava para o mergulho final.

Até que por fim, como quem acaba de nascer, com o escafandro coberto de pus e visco, já esgotado todo o sangue do Arcanjo, o professor é expulso das cavidades internas da Besta, e volta a ficar de pés assentes na pele trémula do monstro, sob o brilho pálido de um Céu que o extraditou.

Lá muito ao longe, Barbatos cintila no lusco-fusco.

11.

Eduardo corre sobre o dorso do Leviatã, com as botas a chapinhar em poças de água lamacenta, por vezes afundado até à cintura a atravessar canais que entretanto se abriram, finca os dedos em falésias onde súbitas escamas fazem as vezes de degraus, primeiro em difícil escalada, depois a escorregar do outro lado sem controlo possível. A sacola macera-lhe as costas, Lizzy berra-lhe aos ouvidos insultos estimulantes, os costados da Besta ondulam em franca agonia, enquanto o professor contorna um arvoredo de troncos secos que afinal são braços a implorar uma impossível clemência. À sua volta abrem-se olhos como cúpulas de cristal, dilatam-se pupilas num vago espanto. Ali ao longe, fumegam espiráculos em géisers gigantescos. Tumores florescem como cogumelos para logo se engelhareem em quistos, como se, em apenas poucos minutos, tivessem passado anos e anos. E as águas, sim as águas do Lago do Breu, agora que a massa gigantesca da Besta começa aos poucos a afundar-se, percorrem parte desta superfície em vagas borbulhantes de espuma. Trata-se de um permanente vaivém, cada vez mais intenso, pois há lagos que se esvaziam assim que os costados incham, outros que se formam quando a pele dá de si em novas concavidades. Um incontável número de criaturas esperneia por todo o lado, fugindo à agressão do ar, sempre em busca das águas salvadoras. Eduardo corre, ignorado pela totalidade desta fauna fugitiva. Ninguém quer saber dos outros. É cada um por si. Eduardo corre em direcção ao Barbatos que, entretanto, resolveu disparar fogos

de artifício para anunciar a sua chegada. O negrume do céu encheu-se de girândolas coloridas. Trata-se de uma breve explosão de cor neste universo mal iluminado pela presença do orifício que conduz ao Céu. Eduardo corre, percorrendo um corpo que se afunda mais e mais.

Por fim, mas tudo isto pode não ser mais do que uma simples ilusão febril, parece-lhe que a superfície do Leviatã está a inclinar-se para o alto, como se alguém estivesse a esticá-la. Aos tropeções, o professor passa mesmo ao lado de um par de ganchos imensos cravados na pele da criatura, ganchos ligados por correntes e fios de cobre à massa confusa do Barbatos. Afinal sempre são vinte andares feitos de blocos de lava, madeira e chapas de metal a querer contrariar o mergulho da Besta. Presa pelos anzóis, a pele estica-se mais e mais, prestes a rasgar-se de vez. Eduardo corre sem pensar em mais nada. Entretanto, os estrondos dos foguetes e morteiros tornam-se mais próximos, um foco de luz cristalina banha-lhe o corpo, ouvem-se agora risos, aplausos e rufares de tambores, as botas já não raspam na pele macerada do Leviatã, mas sim na prancha de madeira que conduz lá ao alto, ao convés, onde a tripulação o espera ululando bravos e raivosas invetivas.

Chegou. Está já a caminhar pelo convés fora, ladeado à esquerda por uma fileira de marujos apupadores que resolveram fazer-lhe juras de morte, enquanto que, do lado direito, há quem o aplauda em frenético entusiasmo. Provavelmente foram estes que apostaram nele. Quase nenhuns, ó companheiros de pouca fé!

No fundo deste corredor feito de gente, Ninurta espera por ele de braços abertos, luvas brancas a adejar, de rosto descoberto e sem máscaras visíveis, cabelos soltos ao vento. À sua volta, os conselheiros tocam pí-faros e pandeiretas. Lá em cima, pendurados nos cordames pelos dedos dos pés, uma mão-cheia de catamitas resolveu estridular como melros.

Passo a passo, quase sem poder com as costas, Eduardo aproxima-se do Mestre, desata as correias da sacola, deixa-a cair no convés, desaperta os grampos do capacete, atira-o para o lado e, ainda de pé, mas quase a estatelar-se, grita: merda, para vocês todos!

Ninurta dobra-se, apanha a sacola do chão como se esta pesasse uma pena, abre-a, espreita o que ela contém, sorri, e clama: — Está tudo nos conformes. Bravo, Incrédulo, bravíssimo. Prova ultrapassada, mal cometido sem culpa ou remorso, bem-vindo à superfície, bem-vindo ao Barbatos, ó danado entre os danados.

O Mestre estala os dedos, num som quase cataclísmico. Lá ao fundo os ganchos perdem a curvatura, tornam-se simples espigões, soltam-se das carnes do Leviatã e este, enfim liberto ou à beira da morte, vá-se lá saber, mergulha no Lago do Breu de regresso àqueles lugares onde o sol, se o houvesse, nunca brilha. Mergulha num cachão de espuma, afunda-se num remoinho de águas oleosas e, no lugar onde antes havia uma ilha feita de carne e agonia, agora já nada existe.

A Besta a quem roubaram um pedaço de carne desapareceu de vez.

Eduardo não quer festividades, treme de exaustão e repugnância, mas lá se deixa abraçar por Ninurta que lhe beija as bochechas suadas.

— Ah, meu querido combatente, que bem fiz eu em confiar em ti, resolveste a prova da piedade e da traição de um modo impecável, e agora, para teu deleite, vais ter um lugar cativo à minha mesa, ao jantar, onde será servida uma refeição única e celebratória. Prepara-te, pois. Lava-me esse corpo. Livra-te do muco da Besta. E depois apresenta-te no castelo de proa. À terceira badalada.

E, dito isto, Ninurta pega na sacola com todas as cautelas, retira-se do convés, logo seguido pelos músicos conselheiros e pelas restolhadas dos catamitas que de modo algum querem ficar para trás.

Eduardo fica sozinho, rodeado por uma tripulação que o olha de soslaio.

Finita la Comedia, diz-lhe Lizzy. Glória, glória, acabou-se a história...Foi um gosto conhecer-te.

E com estas palavras desprende-se-lhe da nuca e deixa-se cair no chão, de patinhas para o ar, e assim fica à espera que a recolham e voltem a enfiá-la no boião de líquido conservante.

12.

Numa sala recôndita do castelo de proa, ajudado por uma boa dezena de catamitas semi-nus, Eduardo despe o escafandro, lava-se com uma esponja perfumada enquanto dois pares de mãozinhas pouco dóceis lhe colocam uma pasta odorífica sobre o corte na nuca onde Lizzy se tinha agarrado. Os infantes vagamente humanóides trinam e cantarolam, batem-lhe nas costas e no peito com as mãozinhas sapudas, revelam tímidos traseiros como se quisessem perguntar ao professor se ele deseja alguns serviços extra, aqui e agora, antes de ir reunir-se com Ninurta à mesa do jantar. Eduardo ignora-os. A pilinha não podia estar mais mirrada e o corpo com mais nódoas negras do que aquelas que já tem.

Desconsolados, os catamitas mostram-lhe o que há de vestir. Um belíssimo traje de cerimónia feito de seda, veludos e pelagens várias, com tudo quanto é folhos e rendas a florescer à volta do pescoço, punhos e cintura. Eduardo enfia tudo isto sobre o corpo macerado, sempre de lábios cerrados, sem dizer palavra.

Por fim, já vestido a preceito, os catamitas indicam-lhe o caminho.

Atravessam corredores cobertos por uma alcatifa fungóide, tão fofa que os pés se afundam até aos tornozelos. Dispersos pelas paredes, incensórios de cristal de rocha aspergem a atmosfera com perfumes de uma doçura enjoativa. O professor segue em frente, envolto numa aura de recatada oclusão.

A comitiva, depois de atravessar umas quantas rampas e escadarias, desemboca enfim na Sala de Jantar.

Onde já estão todos sentados à sua espera.

Ninurta ao fundo da mesa, esparramado no respetivo trono, ladeado pelos conselheiros, refresca-se com o adejar de um leque, à espera que o tempo passe. Permanece de cara destapada, sem máscara que cubra a impossível perfeição do seu rosto. Quanto aos conselheiros, vistos de tão perto, só agora é possível perceber que quase não têm rosto, apenas uma face inexpressiva, um par de olhos negros e globulares, duas fendas a fazer de nariz e uma boca sem lábios que murmura, murmura em permanentes encantações. São dezasseis ao todo, divididos por cada um dos lados da mesa cerimonial. Têm as mãos enluvadas assentes no topo da laje de pedra negra e polida, e todos tamborilam com os dedos, sem cessar, aquilo que parece ser uma marcha guerreira.

A mesa está nua, com exceção de uma terrina de ouro coberta por uma campânula. Frente a cada um dos convivas existe apenas uma taça minúscula, como aquela onde se costumam comer os ovos escalfados. Junto à taça, eis um garfo que mais parece um leucótomo.

De ambos os lados da monumental sala de jantar as tapeçarias suspensas nas paredes revelam combates entre anjos e demónios que esvoaçam sobre uma paisagem em chamas. Manticoras, dragões, basiliscos, adejam nas alturas. Lá ao fundo, nos contrafortes de imensas montanhas, desmoronam-se as fachadas de fortalezas sob o impacto de bombardas de fogo. Eduardo franze o sobrolho perante a inocuidade destas imagens. Esperava qualquer coisa mais das visões do Inferno do que este absoluto lugar comum. Mas enfim, gostos não se discutem.

Ao vê-lo entrar na sala, os conselheiros deixam de tamborilar no topo da mesa. Faz-se um curto silêncio, logo seguido por uma revoada de palmas. Palmas que continuam, continuam a soar durante incómodos minutos, até que Ninurta baixa o leque, soergue o dedo e clama: JÁ CHEGA! CALUDA!

— Eduardo, meu bom amigo, — diz o Mestre, lá do fundo da mesa, — sê bem-vindo ao Repasto. Senta-te, isso, aí mesmo nessa cadeira à minha

frente, pois é chegada a hora da celebração, da terceira prova, aquela que te fará igual entre os iguais...

O professor senta-se onde lhe indicaram, na extremidade oposta da mesa de jantar, porque não pode fazer outra coisa. E ali se deixa ficar à espera, a suar frio, a reter uma náusea crescente, pois acabou de perceber aquilo que o espera.

Ninurta estala os dedos e desde logo se apresenta um serviçal, alto e esquelético, vestido como um mordomo de outras eras. O serviçal debruça-se sobre a taça disposta no centro da mesa, soergue a tampa e revela, para deleite dos presentes, aquilo que se escondia no interior.

Não, geme Eduardo, baixinho, a tentar reter um vômito. Por favor, não.

No interior da terrina vibra uma massa de carne fibrosa e dourada. Parte das nervuras verte um suco coalhado. Outras, um visco amarelo e meloso. A massa estremece como se ainda estivesse viva, estremece como se quisesse continuar com a função para a qual foi criada. Ser filtro. Purificar a Pureza. Sujeitar a Perfeição às leis do Abismo. Em boa verdade, a quantidade de carne não é muita. Se for distribuída pelos presentes caberá a cada um pouco mais do que um grama.

Os conselheiros aplaudem a perfeição deste breve repasto. Ninurta acena com a cabeça, e diz ao serviçal que faça o corte.

E o serviçal, munido de uma pequena espátula de ouro, corta aquilo que é devido. A primeira porção vai parar à taça de Ninurta, a segunda é entregue a Eduardo, visto ser ele o convidado de honra. Depois é a vez dos restantes convivas.

O pedacinho fremente da glândula pulsa, agora, na tacinha que o professor tem pela frente. E que bem cheira. Cheira a um misto de chocolate, castanhas assadas, laranjas ao sol.

Eduardo não sabe que atitude tomar. Ergue os olhos do repasto e descobre que estão todos a olhar para ele, à espera.

— Então, meu caro Incrédulo? — exclama Ninurta, na outra extremidade da mesa. — Em que ficamos?

— É suposto eu comer isto? — pergunta Eduardo. — Um pedaço da glândula do Leviatã? Tudo o que eu passei resume-se a esta patética encenação?

O Mestre torce os lábios numa careta de desprezo e desconsolo:

— Patética? Estás prestes a comer uma pequena fortuna. Algo que vai ser vendido a peso de ouro nas costas do Erebus. Sim, vinte e quatro quilos serão vendidos. Mas, como responsável do Barbatos, o navio que físgou a Besta, tenho direito a uma pequena parcela. Parcela essa que generosamente estou a repartir convosco. Algo único, transcendente, inesquecível. Algo que vai mudar a tua atitude perante este lugar. Escuta, meu querido Impronunciável, tu que desdenhaste o Céu, será que ainda não percebeste que estamos a oferecer-se o Impossível?

Eduardo abana a cabeça. Não consegue mexer-se. Não consegue pegar no garfo e levar aquilo à boca, mastigar o horror.

Engole em seco, enquanto no fundo da taça o fragmento da glândula continua a fremir como se ainda estivesse viva.

— COME! — grita Ninurta numa voz que de súbito estrondeia. — Obedece, submete-te, ou vai haver chatices pela certa.

COME! COME! COME! COME!, murmuram em uníssono os conselheiros.

Eduardo pega no garfo que por duas vezes lhe escorrega das mãos. Controla o vômito. Recolhe o pedacinho da glândula na curvatura do leucótomo. Ergue o braço. Abre a boca. Quase, está quase, está quase. Os conselheiros voltaram a tamborilar sobre o tampo da mesa num batuque expectante. COME!COME!COME!

— COME, — insiste Ninurta. — devora o Divino, que raio!

Finalmente o professor fecha a boca sobre o pedacinho da glândula. Quer engolir tudo de uma vez para terminar com o sofrimento, mas o fragmento começa a dissolver-se-lhe sobre a língua num aroma de inefável doçura.

E então,

Então...

Eduardo está em êxtase na plenitude do Céu.

Todo o corpo estremece num orgasmo absoluto que parece nunca mais ter fim. Desapareceram as mazelas, o cansaço, todo e qualquer desconforto físico. Flutua num universo feito de luz onde tudo é carícia e prazer.

As planuras do Empíreo estendem-se a perder de vista e, aí como são belas, perfeitas, verdes, luzentes... Em seguida está no alto de uma montanha sob o gosto da chuva e o ozono do raio. Está junto a um oceano azul com os pés afundados na areia quente, louco com o perfume do sal e da maresia. Os lábios saboreiam o gosto do chocolate, a textura do morango, a acidez deliciosa do limão, sem esquecer todas aquelas sensações gustativas perdidas no tempo que tudo devora. No Empíreo, a satisfação dos desejos reprimidos regressa num ciclo infinito, onde todas as coisas se repetem com a frescura da primeira vez. Eduardo estremece e chora perante a inefável presença do Absoluto que resolveu abraçá-lo, dobra a cabeça perante uma voz imensa que o desculpa de todas as dúvidas anteriores. E o rodopio continua. Eduardo beija o rosto que amou durante poucos dias apenas, sente a língua dela a percorrer-lhe o céu da boca, o sexo tumescente, volta a sofrer um orgasmo que se eterniza em pleno clamor musical de mil Arcanjos a cantar Glória, Glória nas Alturas. Grita, porque o êxtase é quase insustentável, grita porque no Céu que desdenhou, a satisfação destes desejos dura para sempre. Em seguida, agarra entre as mãos todos os brinquedos destruídos na catástrofe da infância, percorre com os olhos as páginas das bandas desenhadas que lhe roubaram, volta a ver as capas dos livros que julgou já não existirem. Sente estas delícias infantis com a inocente frescura da primeira vez. Sente todos os orgasmos de uma vida inteira como se estes fossem múltiplos, únicos, absolutos, comprimidos num único momento que se eterniza. Está suspenso, de braços abertos perante um universo da mais absoluta perfeição. Aqui não existem limites. Aqui não reina a entropia. Aqui combatem os Arcanjos perante a inacessibilidade de um Trono vazio. Eduardo grita, prisioneiro de um prazer excessivo e quase insuportável.

E então...

Então está de regresso à mesa, no interior do navio Barbatos, frente a frente com Ninurta, abandonado para sempre no negrume do Lago do Breu.

Soluça. O sabor da glândula ingerida, a glândula que filtrou um pouco da essência celeste, vai-se aos poucos dissolvendo na memória. Na sala

de jantar resta apenas um odor de flores mortas.

A boca de Ninurta rasga-se num sorriso:

— Então, meu triste amigo, estimado Incrédulo, ainda desdenhas a permanência do Céu? Agora que provaste do Divino, agora que sabes que, lá no alto, para além daquele orifício onde por vezes tombam os Arcanjos, existe qualquer coisa perfeita que em má hora negaste?

Eduardo acena que sim, diz a todos que entendeu a lição, afirma que, a partir deste momento, assumiu por completo a natureza do crime cometido.

Ninurta aplaude, entusiástico, faz sinal aos criados que tragam o resto do repasto, distribui em volta taças de vinho capitoso, pratinhos de aperitivos e outras iguarias; lá ao fundo, do outro lado das tapeçarias, soa uma orquestra de flautas e violinos, os catamitas recém-chegados chilreiam em volta dos convivas prometendo múltiplas delícias a quem os deseje, e o professor, par entre os pares, ergue uma taça, saúda o Mestre e humildemente agradece-lhe a oportunidade oferecida.

Sim, Eduardo está preso no Abismo devido a uma atitude que nunca lhe será perdoada. Não há como escapar.

Mas ao menos, agora e para sempre, danado entre os danados, passou a acreditar na Indiferença do Céu.

Sobre o Autor

João Barreiros, licenciado em filosofia, é escritor e crítico de ficção-científica e ex-professor do ensino secundário. Sendo desde muito jovem um ávido leitor, iniciou-se na escrita com a publicação de artigos na *Enciclopédia* e com a edição de duas coleções das Editoras Gradiva (Col. Contacto) e Clássica (Col. Limites). Envolveu-se na organização de vários eventos literários e cinematográficos, nomeadamente do Grande Ciclo do Filme de Ficção-Científica de 1984 patrocinado pela Cinemateca Portuguesa e pela Fundação Gulbenkian.

A sua carreira na ficção iniciou-se com a publicação de coletâneas de contos, nomeadamente *O Caçador de Brinquedos e Outras Histórias* (1994), e do romance *Terrarium* (com Luís Filipe Silva, 1996). Em 2004, publicou o romance *A Verdadeira Invasão dos Marcianos* que foi traduzido para espanhol e mereceu críticas muito positivas no jornal *El País*.

As suas histórias têm sido ao longo destes anos reeditadas e coligidas por editoras como Livros de Areia e Leya, assim como integrado antologias organizadas pela Saída de Emergência (*Os anos de Ouro da Pulp Portuguesa* e *A Sombra sobre Lisboa*).



Projeto financiado por Fundos FEDER através do Programa Operacional Competitividade e Internacionalização - COMPETE 2020 e por Fundos Nacionais através da FCT - Fundação para a Ciência e a Tecnologia no âmbito do projeto POCI-01-0145-FEDER-016686 (PTDC/CPCELT/5678/2014).

 ALIMENTOPIA Utopian Foodways				
		http://up.pt/press		
    				 ISBN 978-989-746-237-5
     				
Projeto financiado por Fundos FEDER através do Programa Operacional Competitividade e Internacionalização - COMPETE 2020 e por Fundos Nacionais através da FCT - Fundação para a Ciência e a Tecnologia no âmbito do projeto PTDC/CPC-ELT/5676/2014 POCI-01-0145-FEDER-016680.				